

AMIZADE

Francesco Alberoni. La Amistad. Aproximación a uno de los más antiguos vínculos humanos, Barcelona, Editorial Gedisa, 1997. – Tradução e síntese: Ir. Paulo Dullius, fsc

Ainda existe amizade no mundo contemporâneo? À primeira vista parece que não. O mercado e os interesses econômicos governam o mundo dos negócios; a luta pelo poder domina a política. Há pouco espaço para as relações pessoais sinceras. Há também muita mudança e nos despedimos de pessoas amigas prometendo retornar, mas outras realidades tornam isso praticamente inviável. O uso do termo acabou representando critérios individualistas e privilégios, grandes e pequenos, dentro de um sistema que, se fosse justo, se deveria reger por critérios universais e louváveis. Muitos pensam que a amizade é um fantasma do passado, estando fadada a desaparecer.

Contudo, a amizade continua sendo um componente essencial de nossa vida. Confúcio (V aC) enumera cinco tipos fundamentais de contatos interpessoais: a relação entre imperador e seus súditos, entre pais e filhos, entre homem e mulher, entre irmão mais velho e irmão mais novo. Estes relacionamentos são de um superior a um inferior. A quinta relação – não hierárquica – é a que se dá entre pares e é a amizade. O modelo de amigo depende dos valores de uma sociedade numa determinada época. É preciso olhar o que há em comum nos relacionamentos. Surpreende que o termo ‘amizade’ não tem compreensão unívoca. Os significados mais correntes são:

a) *Os conhecidos*. A maior parte das pessoas que consideramos nossos amigos, na verdade, são só conhecidos, ou seja, pessoas que não nos são estranhas como o conjunto amorfo dos demais. Conhecemos o que pensam, e seus problemas. Mas não nos inspiram confiança profunda; não lhes contamos nossas ansiedades profundas.

b) *Solidariedade coletiva*. São amigos todos os que estão do nosso lado, como ocorre na guerra. De um lado, os amigos; do outro, os inimigos. Esta solidariedade não tem nada de pessoal. Aquele que leva o mesmo uniforme é amigo, mas não sei mais nada dele. As formas de solidariedade que nascem nas seitas, partidos políticos e credos pertencem a esta categoria. Os cristãos se chamam mutuamente de irmãos ou amigos, os socialistas falam de companheiros.

c) *Relações de papel*. São as relações pessoais baseadas no papel social. É a amizade que se orienta pelo proveito, tanto nos negócios quanto na política.

d) *Simpatia e sentimentos amistosos*. São as pessoas com as quais nos encontramos com gosto, que são simpáticas e que admiramos. Mas, mesmo neste caso muitas vezes entram estados emocionais frágeis e superficiais.

O que é, então, **amizade**? Esta palavra nos traz à mente um sentimento sereno, transparente, feito de fé e confiança. Em geral as pessoas estão bastante conformes no que entendem por amizade. J.M. Reisman diz: “Amigo é aquele ao qual agrada fazer algo bom ao outro e deseja fazê-lo, e considera que seus sentimentos são correspondidos”. É o campo dos sentimentos altruístas e sinceros. É impossível confundi-la com o interesse, o cálculo ou o poder. Mas isso é demasiado genérico. Uma mãe quer o bem de seu filho e espera ser correspondida. O mesmo ocorre com os namorados, cônjuges que se amam ou irmãos que se querem bem. A definição de Reisman se refere mais ao amor do que à amizade, pois é o amor que quer fazer feliz o outro. Pode-se dizer que o amigo é alguém pessoal ao qual queremos bem e que nos quer bem também.

É fácil distinguir a amizade das relações sociais mais superficiais, de nexos utilitários ou baseados em atividades profissionais. O problema é distinguir a amizade de outras formas de amor. Por exemplo, em que a amizade difere do namoro? Há relações de amor maternal e paternal e se quer manter estes vínculos às vezes mesquinhos. Podemos manipular nosso amigo? O amor da amizade é de um tipo particular e deve ser límpido, porque do contrário desvanece?

Amizade e namoro. Amizade e namoro são dois fenômenos completamente diferentes e opostos. a) O *namoro* é um fato que tem um início definido. Em sua origem, em seu estado incipiente se manifesta por um fulgor, uma revelação. A *amizade* não se instala com uma só situação inicial, mas através de uma série de encontros e sucessivos aprofundamentos. b) Não existe um namoro verdadeiro e outro menos verdadeiro. Não há diferentes graus de *enamoramento*: muitíssimo, muito, bastante ou pouco. Dizer “estou enamorado” digo tudo. O namoro segue a lei do ‘tudo ou nada’. A *amizade* tem várias formas e graus. Vai desde o mínimo até o máximo de perfeição. Pode ser pequena ou grandíssima. Ela tende ao máximo. Quando falamos de amizade temos em mente um ideal, uma utopia. c) O *namoro* é uma paixão, *Leidenschaft*. Leiden significa sofrimento. A paixão inclui o sofrimento. O namoro é êxtase, mas também tormento. A *amizade* tem horror ao sofrimento. Quando pode, evita-o. Os amigos procuram encontrar-se e estar à vontade juntos. Se não conseguem, tendem a deixar-se. d) Podemos *enamorar-nos* de alguém sem ser correspondido e nem por isso deixamos de estar enamorado. O namoro nasce sem reciprocidade e vai em busca dela. A *amizade* exige sempre uma certa reciprocidade. Não continuamos amigo de quem não é nosso amigo. É difícil abandonar a quem se ama. Para livrar-nos de namoro não correspondido precisamos fazer violência sobre nós mesmos, odiar o outro. Mas o ódio pelo amado é um sofrimento, o mais atroz deles. Na amizade não há lugar para o ódio. Se alguém odeia seu amigo já não é seu amigo e a amizade termina.

No namoro se transforma a pessoa amada: ela é ela e mais do que ela. Ele é duplo: é um ser concretíssimo e é também a divindade que leva em si todas as possibilidades do mundo. O pedido ao namorado é um grito desesperado; o amigo não se transfigura com o pedido. Esperamos que o amigo comparta a imagem que temos de nós mesmos, ou que não se afaste demasiado dela. Se sua imagem é exageradamente positiva assemelha-se a uma adulação; se for muito negativa não nos faz justiça. Dois amigos precisam ter imagens recíprocas similares, mas não idênticas. Esperamos que o amigo não nos entenda mal.

Podemos continuar enamorados de uma pessoa que ignoramos se nos amou ou nos enganou, da qual ignoramos se é boa ou má, se tem sentimentos nobres ou mesquinhos. Podemos continuar sempre nos questionando sobre o amor, questionamento que é respondido pela presença da pessoa que nos disse ‘sim’. Concluída a presença, cessa a resposta e a pergunta retorna constante, obsessiva e angustiante. Assim, o amor é sublime e miserável, heróico e estúpido, mas nunca justo. Não se encontra a justiça no amor, a não ser na amizade.

Como surge a **amizade**? Muitos acham que ela começaria com conhecimento superficial, depois mais profundos, trocam-se favores e se teria a amizade. Mas não é assim. Não nos tornamos amigos daqueles com os quais convivemos mais frequentemente. Pode ser que podemos considerar amigo a quem encontramos poucas vezes. Mas só com ela nos sentimos à vontade e somos levados a expressar-lhe o nosso eu. A amizade começa como um salto. Chega no momento em que experimentamos forte impulso de simpatia, interesse e afinidade. Esta experiência é um *encontro*. O encontro sempre é inesperado, revelador. Com nossos conhecidos raramente damos este passo que leva à amizade. A amizade se constrói através de uma série destes *encontros*, cada um deles retoma o precedente. E é diferente do anterior, descobrem-se novos caminhos e se nos abrem novas perspectivas. Quando a amizade é verdadeira isso sucede muitíssimas vezes.

A *amizade* é um *filigrana de encontros*. Ninguém sabe de antemão se acontecerá ou não o encontro. Ele sempre é imprevisível, inesperado, como a felicidade que nunca está onde a buscamos. Se a procurarmos com ansiedade, pode ser que encontremos desilusão e tédio. Cada encontro é uma prova. A felicidade aparece de improviso quando não pensamos nela. O *encontro* é em si um momento de felicidade, de grande intensidade vital. Compreendemos algo de nós e do mundo. No encontro sentimos que outra pessoa nos ajuda a tomar a direção certa, mesmo tendo pontos de vista não idênticos. Aliás, o outro deve ser diferente. Esta diferença é valiosa, pois abre outra perspectiva. Cada qual ajuda o outro a descobrir o que é essencial para ele assim, aproximar-se um pouco mais.

O que importa é ver que o outro não me complementa nem eu a ele. O encontro é percorrer juntos um pedaço do caminho até a própria identidade, até o descobrimento do que é mais importante para cada um. O outro não está conosco por interesse ou cálculo, mas porque este é seu caminho, sua trajetória vital.

O encontro é um fato descontínuo, um coágulo de tempo. O que importa são estes momentos de grande intensidade vital. O que acontece no intervalo não conta. Podemos até nem pensar nele. Esta é uma grande diferença com o namoro. O namoro também é um encontro, mas sua natureza se revela no intervalo, quando sentimos a necessidade de encontrar novamente a pessoa que começamos a amar. Ela sempre está presente, ao menos de forma potencial. Nossos pensamentos sempre nos levam a ela. Sempre queremos estar com ela, estar o maior tempo possível a seu lado até estar abraçado nela, sem que nada se interponha, nem mesmo as roupas. O amor erótico é mais um desejo de fusão mental e física do que um desejo sexual. Na amizade não surge esta necessidade. Temos plena consciência da importância do encontro, mas não desejamos prolongá-lo indeterminadamente. Isto não quer dizer que não queremos mais encontrar o amigo. Nunca falta um “até uma próxima vez que nos vermos”. Nenhuma relação importante tem prazo. Também a amizade é para sempre. A gratidão também é uma atitude de duração permanente. Não há reconhecimento nem amor nem amizade por prazo fixo. As coisas só adquirem dignidade quando têm a intenção de durar, quando querem vencer o tempo. O encontro também tem em potência o reencontro.

Às vezes sentimos simpatia pela qualidade de alguém, e poderíamos partilhar tantas coisas e é um amigo em potencial. Mas pode ser ilusão. Num segundo encontro não temos nada a dizer. Às vezes, mudando as circunstâncias, estas pessoas ‘saem’ da vida. Esta experiência de vazio e desilusão também se produz com conhecidos, com os que habitualmente chamamos ‘amigos’. Não conseguimos passar um dia juntos, ou, se o fazemos, evitamos falar de determinadas coisas, não dizemos o que pensamos, não procuramos manter um diálogo profundo. Temos necessidade de sermos nós mesmos numa forma mais verdadeira. Ignoramos quem somos. Somos uma infinidade de pessoas, desejos, aspirações que se expressam numa mesma boca e se juntam ao eu. Às vezes manifestamos nossos problemas aos nossos mais conhecidos, e eles não nos compreendem e a ilusão fica mais forte e nos sentimos sós.

Por que o encontro é tão importante? Porque é um momento de autenticidade, porque aparece um sentido. É o ordenamento do múltiplo. Os pequenos passos são diferenciações. A autenticidade é o momento da síntese que ordena e hierarquiza. É uma experiência global e de complementaridade. Cada qual é um turbilhão de desejos com um fogo ardente em seu centro. No encontro tocamos de algum modo este núcleo, e o amigo nos indica a meta e caminha um pouco conosco. Sempre espero alguma revelação no encontro com o amigo. Ele me abre a porta que desejo abrir, diz alguma verdade que me tranqüiliza e me dá paz. Este encontro está longe de ser como o do mestre/discípulo. O amigo não é um guru dono da verdade. A revelação do amigo não é um ensinamento, mas chegar juntos à mesma conclusão a partir de pontos de vista diferentes. Falar com o amigo me faz conhecer o que na realidade sou, porque na realidade eu sou eu mesmo somente com relação com o que penso que posso ser. Ao conhecer o amigo, conheço a mim mesmo. Em geral o conhecimento do outro está viciado pela inveja ou rejeição. Quando o outro fala ou nos identificamos com ele e desejamos ser ele, ou nos reconhecemos diferentes dele e somos indiferentes. Em relação ao amigo nos interessamos, mas sem inveja. Ele nos fala de si e somos partícipes, mas continuamos sendo a nós mesmos. Graças a esta experiência descobrimos o que temos em comum e o que nos diferencia. A experiência do amigo é interessante precisamente porque é diferente. Com ele podemos compreender e apreciar a nossa singularidade e a dele. A experiência do amigo é a única que podemos aproveitar. Em geral a experiência dos outros não nos serve para nada. Até os filhos têm dificuldade para aproveitar a experiência dos pais. Todos os que experimentaram algo importante querem transmiti-lo aos que querem bem. Mas isso, em geral, é impossível.

O amigo não nos engana, fala-nos inspirado na verdade e o escutam com honestidade e imparcialidade, compreensivos e lúcidos. Os amigos, quando estão juntos, estão contentes, felizes porque novamente houve o encontro. E não se coloca os amigos à prova como se sucede com o amor. Neste último se põem à prova a força que une e a disponibilidade do outro. Estas provas não existem na amizade. Demonstrar amizade quer dizer mostrar, confirmar e não ‘demonstrar’.

Na amizade também há crises como acontece em qualquer relação interpessoal como entre pais e filhos ou entre cônjuges. A crise significa que um se sente inseguro da amizade do outro e até traído ou incompreendido. Superar a crise significa que o outro volta a entender-nos por inteiro e nós o entendemos. Na crise também entendemos mal, agredimos e queremos romper. Podemos dizer que nunca o esperávamos do amigo ser mal entendido. O mal entendido sempre é falta de boa vontade. Temos a convicção de que quando existe boa vontade, uma disposição mental aberta, honesta e favorável, podemos ser compreendidos. A incompreensão é um sintoma inconsciente de desinteresse, desprezo e até agressividade.

A crise só se pode resolver num *encontro*. A este encontro se dá o nome de ‘explicação’, não conceptual, mas compreender porque se originou a crise, quais forças a desencadearam, e apaziguá-las, dar-lhes valor e sentido. Explicação significa rever juntos o passado, remontar-se até o momento anterior à incompreensão e à queda. O encontro que resolve a crise supera esta pré-história e dá um passo a mais. A superação também ajuda a descobrir uma própria malignidade, um exagero na raiva, um modo superficial e inadequado de agir.

Quando reencontramos um amigo depois de anos é como se o tivéssemos deixado momentos antes. Mas nós mudamos, nossos problemas mudaram, e temos a impressão de prosseguir o que estávamos fazendo, como se não tivesse existido o intervalo. Encontrando um parente, perguntamos “O que fez?” para preencher o intervalo do tempo. **Conhecemos uma pessoa se conhecemos cada um dos momentos de sua história.** Quando encontramos um conhecido, lhe perguntamos sobre os planos para as férias, e sobre o que fez nas férias passadas. Se falta confiança, conversamos sobre o tempo. Depois de comentar o tempo de hoje falamos daquele de ontem e projetamos para amanhã.

Quando os amigos se encontram, mesmo depois de muito tempo, não há perguntas. Não há perguntas para reconstruir o passado desde o último encontro. Este passado não interessa. Cada qual está disposto a escutar as novidades sem preparativos. Se eles dizem “Diga-me tudo” não são verdadeiros amigos porque estas são frases de circunstâncias. Também não é amigo quando diz “Quanto tempo sem notícias suas; por que ao menos não me escreveu?” O amigo se limita a perguntar: “Como está? Você está bem?”. O amigo se ilumina ao ver-nos e sorri porque está feliz com o reencontro. Se disser “quanto tempo!” é para expressar satisfação. Ao amigo é significativo que saibamos de seu passado e ele do nosso. O importante é que ele saiba, e não o que aconteceu. Ele está bem se estamos bem. Por isso a pergunta: “Como está, tudo bem?”. A única coisa que importa para nós é se estamos bem ou não, se somos felizes ou não. Isso nos interessa e lhe interessa.

O extremo oposto do tempo da amizade é o *tempo do enamoramento*. Se o tempo da amizade é uma amálgama, uma sucessão de momentos presentes que se justapõem, o tempo do namoro é denso, contínuo, angustiante. Os namorados passam horas e horas falando de seu passado. Cada qual está seduzido pelo passado do outro e o interroga sem cessar. Até depois de uma breve separação quer saber tudo o que fez, preencher todos os espaços vazios, todos os intervalos, até os mais curtos. Quer conhecer seus pensamentos, os matizes de seu sentimento, suas dúvidas. O namoro quer reconstruir tudo para aderir de modo total às vivências do amado, até preencher tudo e assimilá-lo. O namoro tende à fusão e criação entre duas pessoas diferentes, de uma entidade nova, um casal onde ambos se transformaram. Os namorados mudam sua vida de forma radical através do amor e por isso analisam de maneira crítica seu passado. Antes de encontrar-se eram diferentes. Depois do enamoramento compreendem como sua vida anterior era pobre, fria e árida. O estado incipiente é o dia da sentença, tudo o que era infelicidade se destrói e se condena. Mas é também o dia do aconte-

cimento: inicia-se uma época de felicidade incrível e inimaginável. Os namorados tendem ao futuro. Desejam a pessoa amada em cada instante. Quando está longe, esperam-na com ansiedade. Sempre chegam antes para esperar. O tempo do namoro abarca de uma só vez o passado mais remoto e o futuro mais distante. O presente é a tensão desta experiência. A eternidade do amor brota da máxima tensão do tempo.

Os amigos, por sua vez, não se encontram para construir uma nova entidade coletiva que os transcenda. Não precisam modificar-se mutuamente. Cada um segue sua trajetória vital e seu destino pessoal; busca seu amor. O amigo o acompanha nesta busca, está a seu lado e o ajuda, mas não é o objeto da busca. Na amizade também se fala do passado quando um dos amigos precisa retornar ao próprio passado e o amigo, então, o acompanha em sua viagem. Às vezes é preciso contar tudo o que aconteceu ao amigo. Falamos porque temos necessidade de sermos compreendidos, precisamos que um ser humano nos compreenda até o fundo. Por que precisamos ser compreendidos? É que assim nós nos compreendemos, somos objetivos conosco mesmos para julgar-nos. Toda viagem ao passado tem como meta *julgar*, condenar e absolver, para poder corrigir a ação que fizemos ou poder seguir o caminho empreendido.

Temos a capacidade de julgar, mas muitas vezes estamos demasiado cegos e cansados. O amigo nos estende a mão e nos apóia. Ao olhá-lo nos olhos sabemos que somos justos. Não é ele que nos julga, mas nós mesmos nos julgamos. Só nós, e ninguém mais. Temos a faculdade de julgar, mas não podemos fazê-lo sem o amigo. Contar algo é pensá-lo em voz alta. O amigo emprega a maiêutica e provoca em nós a investigação honesta e objetiva. O que se deixa de lado é o passado ou o futuro da amizade em si. *A amizade tem seu fundamento no desinteresse*, e a primeira e essencial manifestação do desinteresse entre amigos é o que cada um deles sente por si mesmo. Os namorados estão preocupados e angustiados pelo futuro, que para os amigos é indiferente. Só se volta ao passado no caso da amizade quando há uma crise nas relações. Os amigos são tomados pela dúvida e devem analisar de novo o passado para emitir um juízo sobre si e sobre o outro. Devem ver com exatidão o que o amigo fez, quais intenções tinha, e julgar com objetividade se era ou não digno de amizade.

A crise equipara a amizade ao namoro. Aparece a mesma inquietação, o mesmo receio e esperança. A amizade requer um juízo rápido: culpado ou inocente. Em geral a amizade absolve e perdona. Se há perdão, é definitivo. Se não há, se há condenação ou simples dúvida, a amizade se rompe para sempre, ainda que haja simples dúvida, pois esta envenena e contamina a amizade. A crise da amizade é similar a um processo. Evoca-se o passado para julgá-lo e se evoca o futuro para determiná-lo. *A decisão é inapelável*. No namoro, qualquer decisão que os namorados temem, seja de abandonar-se, de não amar-se mais ou de amar-se para sempre, é *revogável*. Porque a sentença não afeta o amor do namoro, que só se pode reprimir ou negar, mas nunca anular. A paixão é irresistível. Na amizade, a sentença é inapelável. A amizade e o namoro têm sua essência em dois espaços diferentes: o namoro na paixão e no padecimento; a amizade na valorização e no veredicto.

Amizade e amor

A amizade é uma forma de amor. Mas difere de outras formas de amor porque escolhe seus objetos com critério moral e tem diante deles um comportamento moral. *A amizade é a forma ética do eros*. Esta definição choca com aquilo que costumeiramente se chama de amizade: a amizade-privilégio, a amizade-favoritismo, a amizade-que-procura-tirar-proveito... e não têm nada a ver com a moral. “Como ganhar amigos!”(Carnegie). Na verdade não se pode conquistar os verdadeiros amigos. Podemos chamar de amigo aquele não nos diz a verdade, nos sorri sempre, sempre me dá razão e louva minha vaidade? Quem se comporta como hipócrita, falso ou adulator? **Não!** É o contrário. A amizade deseja antes de tudo a liberdade do outro. Também a mãe quer que seu filho seja livre, mas por temor de perdê-lo está disposta a manipular sua vontade. A mãe tem uma missão educativa em relação ao filho. O namoro também precisa da liberdade do outro, mas se esforça para submetê-

lo e dominá-lo porque quereria ter a certeza de ser correspondido em seu amor. O namoro se assemelha aos efeitos de um filho ou uma droga. Quer enamorar-se porque sente o que é a verdadeira felicidade, mas quer fugir porque teme perdê-la. Ao amigo nem passa em mente a idéia de um filtro na amizade. Ela é um estado aceito e querido. Um amigo enfermo, ébrio ou drogado, conservará sempre frente a nós um pouco de lucidez: reconhecer-nos-á e lutará para permanecer lúcido em nossa presença, mesmo que seja só para pedir-nos que o deixemos em paz.

Se um amigo faz algo de útil, podemos até agradecer, mas evitamos perguntar por que o fez. O amigo não nos deve explicações e não se deve pedi-las. Não devemos analisar seu comportamento para encontrar suas motivações. Sempre podemos explicar uma ação feita. O ato é livre antes de ser realizado. Até o último instante podemos fazê-lo ou não fazê-lo e ninguém sabe o que escolheremos. Sempre queremos pensar no amigo como ser livre e por isso não nos perguntamos por que fez isso ou aquilo.

No namoro nos desesperamos e angustiamos para decifrar o comportamento do outro. O namoro é rendição e luta contra um poder que segue existindo para além de nossa vontade. Amizade não admite poder algum contrário à nossa vontade. Se a vontade livre deixa de querê-lo, termina a vontade. O amigo não se coloca 'por cima'. Julgo-o no plano moral. O ódio danifica a amizade, fere-a e o dano não é reparável. O ódio não é para a amizade um acidente de caminho, é um mal, um sentimento malévolo que não se justifica nem se perdoa. Não escolhemos para amigos pessoas que não estimamos. *Reconhecer a liberdade de uma pessoa e respeitá-la significa considerar a essa pessoa como um fim.*

O imperativo categórico de Kant também ajuda a descrever a amizade. Ele é a única norma à qual devem ajustar-se todas as demais máximas da ação: "Aja somente em conformidade com aquela máxima que pudesse desejar ver convertida em lei universal". Também é difícil erigir em norma universal o amor maternal que ama ao filho mais que a si mesma e que não pede nada, mas unicamente dá. Vacilamos erigir em norma universal as virtudes sublimes e heróicas ou fazer uma regra de algo extraordinário que subverta todos os costumes. Às vezes procuramos alcançar posições de poder para ser menos dependentes e mais livres. Mas ao fazê-lo usamos aos demais como meios e alimentamos a cadeia de lutas. Com alguns nos comportamos ou tentamos nos comportar segundo o imperativo categórico. A amizade aspira a um ideal de perfeição moral e escolhemos como amigos tais pessoas. Então, escolhemos como amigos a todos aqueles que estimamos e admiramos? Não. Podemos estimar a uma pessoa e admirá-la e nem por isso converter-nos em seus amigos, nem desejar sê-lo. A amizade não pode existir sem esta estima nem existir sem um comportamento moral recíproco. A amizade não é só estima e admiração, mas também é amor. A amizade é a forma específica de amor cujo objeto é uma pessoa que apreciamos e que, desde o ponto de vista ético, se comporta de um modo correto, ao menos conosco.

O amigo nos revela a nós mesmos. No amado apreciamos um movimento de cabeça, um gesto, um capricho. No amigo apreciamos as boas qualidades intelectuais e morais, a simpatia, a vivacidade e a solicitude que mostra para conosco. Para apreciar uma qualidade se requer uma disposição benevolente. O amigo é benevolente. Vê o que somos e nos ajuda a sermos nós mesmos. Nós nos enamoramos prescindindo por completo das virtudes da pessoa amada. Um dos modos de amar é tratar de coincidir com a imagem ideal que o amado se formou de nós. No caso do amigo, o que conta é a imagem ética. *Os amigos são o retrato objetivo da moralidade da pessoa.* Mostram-nos seu rigor e sua intransigência, mas também seu amor pela inteligência e sua criatividade, e até sua tolerância. Voltaire diz que a amizade é um contrato tácito entre duas pessoas sensíveis e virtuosas. 'Sensíveis' porque um monge ou um solitário podem ser pessoas de bem e viver sem conhecer a amizade. 'Virtuosas' porque os malvados só têm cúmplices; os sensuais, companheiros de farra; os cobiçosos, associados; os políticos seus partidários; os príncipes, cortesãos. Somente os homens virtuosos têm amigos.

Amizade é também preferência. Ser amigo sempre implica ser mais amado que o outro, do que a imensa massa anônima, e ser preferido a todos. É o sentimento dos irmãos, cada um quer ser escolhido e exige para si uma atenção a mais. O amor da mãe iguala e nivela. A exigência individual se enfrenta com esta igualdade absoluta. A amizade é a exigência de uma atenção pessoal. Fenelon diz que cada qual quer ser amado por si; quer que o mundo inteiro seja sacrificado. Não está aqui a raiz de todo privilégio e de toda injustiça? Kierkegaard diz que por isso o cristianismo desconfia do amor profano e da amizade, porque a predileção, a paixão... no fundo são um ato de egoísmo. O amor cristão só pode existir como dever. O cristianismo nos ensina que amar ao próximo é um dever. O amor, então, não é uma inclinação espontânea, um impulso da paixão ou um sentimento. É um imperativo ético, uma opção da vontade. Mas podemos impor-nos o dever de amar a alguém e sentir simpatia por ele? Kant diz que a resposta é negativa: não podemos impor-nos amar a alguém e sentir simpatia. O amor e a simpatia são sentimentos espontâneos que não se podem provocar à vontade. Posso desfazer os maus pensamentos, mas não poderei provocar em mim ternura e simpatia nem amizade sincera. A moral não nos pode pedir afetos, mas unicamente ações. Segundo Kant, a ética não tem nada a ver com a amizade, a simpatia ou o amor. A ação moral só se faz por dever, contra as próprias inclinações e sentimentos próprios.

A sociedade melhorou não porque as pessoas se amam mais, mas porque criou organizações impessoais justas. O mundo moderno nasceu da separação entre a ética e os sentimentos, sejam eles altruístas ou pessoais. As virtudes se objetivaram em normas de conduta impessoais e imparciais. Então, a amizade não tem função neste contexto. A amizade ama aquilo que aprecia e aprecia o que ama. Nem por isso é mais meritória nem é uma superação do dever. A amizade só tem sentido na medida em que os seres humanos tenham também necessidade de amor e consideração personalizada por parte dos demais seres humanos. Nos hospitais o médico precisa cuidar de todos indistintamente. Mas é a mãe que estende a mão ao filho que chora, porque ele tem necessidade de cuidado e porque ela pertence somente a ele e a mais ninguém. A vida precisa de ambas: Na medida em que a saúde melhora, o amor da mãe continua sendo o mesmo. O mesmo passa com a amizade: não podemos pedir dela mais do que pode dar.

Numa sociedade organizada na base da parcialidade, a amizade será parcial. Mas hoje que a sociedade se fundamenta em normas universais, a amizade deve respeitar todo o universalismo e a imparcialidade. A preferência que a amizade requer é consideração individual, reconhecimento do valor da própria individualidade, única e inconfundível. A amizade está mais ligada com o que nos individualiza como pessoas únicas e inconfundíveis do que com aquilo que nos coloca acima dos demais. Toda coisa é única, até uma pedra, mas nem por isso têm valor. O valor está dado pela centralidade do eu como consciência, unidade consciente do múltiplo. O amor é o modelo desta preferência. As crianças não poderiam continuar vivas se não se sentissem amados pela mãe. Freud nos fez ver como há esta necessidade desesperada para ser objeto de amor e de identificação. Mesmo o namoro consiste em encontrar aquele que é preferido ou preferível entre todos, que nos ama mais que qualquer outra coisa. Temos necessidade de sentir-nos amados mais que qualquer outra coisa no mundo para encontrar a força para dominar a incrível multiplicidade que existe dentro de nós. *Somos o produto de todas as nossas experiências sociais, de todas as nossas identificações e de todos os nossos desejos.* O eu é a unidade lábil e precária destas forças divergentes sempre a ponto de dissipar-se.

O namoro, o amor maternal e paternal, a amizade se voltam todos para a individualidade pessoal, mesmo sendo a coisa mais frágil e a mais importante. Tão frágil que requer um apoio externo, do reconhecimento e do amor de outra pessoa dotada de valor. Mas é a única potência indomável da natureza.

A amizade é uma relação entre dois indivíduos isolados, donos de si. Mesmo de condições econômicas diferentes, só podem ser amigos se se encontram como dois seres soberanos e independentes, com o mesmo poder e igual dignidade.

Em geral, quando pensamos na amizade pensamos na necessidade e nos favores. De fato, recorreremos aos amigos quando temos necessidade deles. Mas não são estes os momentos que constituem a amizade verdadeira. A amizade não sobrevive quando nos colocamos na situação de necessitar sempre de um amigo. Ela é incompatível com alto grau de necessidade, porque é incompatível com um desequilíbrio de poder demasiado grande. Se preciso algo que só o outro pode satisfazer, esse outro exerce um poder sobre mim. Por isso, se sempre recorro a um determinado amigo, termino por depender dele, e é maior seu poder quanto mais me coloco em suas mãos. Este comportamento contrasta com a soberania da amizade e é inevitável que termine por destruí-la, mesmo que o outro tenha a melhor disposição em relação a mim e se faz de bom grado algo por mim.

Pode haver amizade entre um rico e um pobre, uma pessoa culta e uma inculta, entre um adulto e uma criança? Em geral, a resposta é “não”. Uma grande desigualdade torna impossível a amizade. Muitas desigualdades são superadas se os amigos as colocam entre parênteses. A amizade se assemelha à humildade. *Ela exige que não haja inveja nem avidez.*

Todas as coisas que valem, também a amizade, precisam ter em seu núcleo a passagem do nada ao todo. Requer-se o vazio para poder preenchê-lo. No amor, o desespero passa a ser êxtase exultante. A renúncia não quer dizer complacência pela renúncia. Quem se compraz em renunciar, depois é incapaz de gozar. Renunciar à amizade não é ato heróico.

Por que custa tanto pedir outras coisas? Porque no momento em que pedimos, damos ao outro um poder ulterior, ficamos à sua mercê. Se nos nega, debilitamo-nos ainda mais e ele se fortalece ainda mais. Os sindicatos não pedem, exigem. Compreenderam que de nada adianta pedir. A humilhação não satisfaz e por isso não pedem; lutam, reivindicam. Quando a diferença de poder é infinita, a justiça só está de um lado. Só a contraproposta de outro poder permite eliminar a humilhação. Só adquirindo poder emerge o direito. A reivindicação pressupõe um poder, a possibilidade de uma luta. Por isso, o pedido que não humilha é um pedido armado. Até em relação a pessoas amadas exercemos um poder, o poder de fazê-las sofrer se não satisfazem nossas exigências.

Com o amigo não exercemos nenhum tipo de poder. Não protestamos nem usamos represálias. Pedimos e ele nos dá. Contamos com o amigo e isso é tudo. Qual a diferença entre um elogio de um amigo e aquele de um superior? O superior elogia, mas mantém distância. Se o superior, ao elogiar-me, me admite como a um par, passa a ser meu amigo. Amigas são duas pessoas onde cada qual delas poderia ser o superior da outra. A amizade é um movimento de criação da superioridade, seguido pela renúncia a essa superioridade. Por isso, os amigos se põem no mesmo nível e são soberanas sem se perguntar quem é superior e quem é inferior.

Em geral, a amizade consegue superar muitas desigualdades. Seria errado pensar que seja possível somente entre pessoas de mesmo salário ou condição social. Na monarquia de direito divino o rei não precisa humilhar porque sua superioridade é reconhecida. Também numa democracia hereditária se reconhecem os níveis da hierarquia e a competição se reduz. Mas num tipo de nepotismo, todos podem aspirar ao poder. Quem está no alto sempre tem motivos para temer a seus subordinados e por isso precisa dominá-los. Os déspotas não têm amigos e temem a amizade como um complô em prejuízo próprio. A amizade é uma virtude democrática e republicana.

Três estados do campo social (Na física há o estado sólido, líquido e gasoso).

a) Um estado é fluido, quente, apaixonado e possui um grande poder de atração e uma grande solidariedade, mas é instável e tende a transformar-se em outros dois estados. Max Weber o chama de *Estado nascente*.

b) Um segundo estado é o *institucional*. Chega-se a ele de modo gradual. Cada degrau é um ato de oposição, de vontade. A instituição é aquilo que foi quisto, mantido e realizado a partir do que

se havia entrevisto no estado nascente. A instituição também está animada por uma crença e tem uma forte solidariedade, mas não é ardente como o anterior. É mais rígida, mais dogmática.

c) Um terceiro estado, o *quotidiano*, é o produto do debilitamento e da descomposição da instituição. Caracteriza-se por escassa solidariedade e por nexos utilitários e pragmáticos.

Estes três estados podem encontrar-se em muitíssimas formações sociais. Formações sociais diferentes apresentam propriedades análogas quando se encontram no mesmo estado. Mas as mesmas formações, em dois estados diferentes, oferecem diferenças surpreendentes.

Assim, o casal é constituído por duas pessoas únicas. Neste caso, o estado *nascente* corresponde ao namoro. Antes, estas pessoas não se conheciam ou, se se conheciam, não sentiam simpatia especial. Com o namoro – estado nascente – se vêem a si mesmas e vêem o mundo próprio e o passado próprio de um modo diferente. O estado nascente é uma nova iniciação. Há grande solidariedade, e ambos estão ‘possuídos’ de uma força coletiva que os anima e os força a estar juntos. Depois de algum tempo – anos – este par dá o passo da *institucionalização*. Os dois namorados superaram as dificuldades que os separavam e optaram por viver juntos, se casaram e tiveram filhos. São um casal juntos, mas perderam o entusiasmo e o ardor de outros tempos. Às vezes sentem saudades daquela época, mesmo sem as dúvidas do tempo de namoro. O tormento acompanha o êxtase. A instituição é o produto da opção, algo quisto, é algo sólido. Depois chega o momento em que os dois cônjuges levam vida normal e se regem mais pelo costume do que pela paixão, mais pela comodidade recíproca de estar juntos do que por um amor profundo. Às vezes nem se tem a certeza de ter feito uma escolha certa, o orgulho de ter vencido os obstáculos. É a formação da cotidianidade.

Nos **grupos** encontramos as peculiaridades do estado nascente, da instituição e da cotidianidade. Assim, um *grupo religioso* (político ou cultural). Quando o grupo religioso *nasce*, vemos pessoas tocadas pela revelação divina, cheias de uma fé ardente e de uma enorme esperança de renovação. Reina a fraternidade e a comunidade espontânea. As pessoas estão cheias de felicidade. Olham o passado como um período de obscuridade e de erro. É o tempo do entusiasmo, tempo das origens.

Depois este grupo passa a ser uma seita; dita suas normas, resolve suas questões teológicas. Abandona o entusiasmo original e se dá conta que o Reino amadurece lentamente. Tampouco existem os erros e os excessos dos inícios. Os membros da seita ainda se chamam ‘irmãos’ mas sem tanta espontaneidade. Estabeleceu normas e seu campo de atividades, e escolheu seus pastores. A solidariedade já não é apaixonada, mas todos podem confiar nela. É a *instituição*.

Há também a *cotidianidade*. Agora a seita existe como estrutura consolidada. Já ninguém mais entra por conversão. Forma parte dela quem nasce na religião, e vai na igreja porque ali iam os pais. As paróquias vão vivendo. O sacerdote se ocupa mais dos problemas mundanos do que de Deus. Já não tem esta grande solidariedade. Emprega-se a palavra ‘irmão’, mas só durante os atos religiosos. O que era sinal de amor recíproco e ardente se tornou expressão ritual.

Tanto no casal como nos grupos e até nos grandes sistemas religiosos e políticos, o estado nascente é lábil. Produz uma instituição. Chamamos de *movimento* o processo que vai do estado nascente à instituição. Por isso, o movimento sempre tem uma determinada duração. O judaísmo, o cristianismo e o islamismo nasceram como movimentos. No começo teve um estado nascente que produziu um primeiro núcleo institucional. Depois houve outros episódios de estado nascente, outros movimentos que se reconheceram no ensinamento inicial e contribuíram para criar uma estrutura institucional cada vez mais complexa. Agora elas são *civilizações culturais*, potências institucionais capazes de dar aos movimentos a própria linguagem.

A **amizade** é um casal(par) ou um grupo? Pertence ao estado nascente, à instituição ou à cotidianidade? O núcleo central da amizade é o par ou o grupo? Historicamente é o par. Os amigos monogâmicos são raros. A amizade não tende a formar um par fechado e auto-suficiente, o que é mais característico do namoro. O *namoro* é o estado nascente de um movimento coletivo que gera um coletivo que gera uma coletividade formada por duas únicas pessoas. Elas desenvolvem uma grande solidariedade e, juntas, se incorporam no conjunto da sociedade. A *amizade* não é um sentimento

exclusivo. A chegada de outro satisfaz os dois amigos e se comportam como verdadeiros amigos. Ela continua sendo um vínculo estritamente interpessoal, uma preferência, e não se pode confundir-la com a solidariedade do grupo. A amizade, a qual estado pertence: nascente, institucional ou cotidianidade? Não é nenhum dos três estados. Ela se constitui mediante *encontros* e dura graças a eles. Ela é uma solidariedade seriada. Vista a partir de dentro, a *amizade é reticular*. No centro tem poucos afetos profundos, renovados e redescobertos em múltiplas ocasiões e que são os pilares do sistema. A partir deles, ou sem passar por eles, centenas de fios se estendem para o exterior. A energia vital não se detém jamais em um ponto, mas percorre toda a rede, que nunca termina. Sempre são possíveis novos encontros e cada novo encontro implica, de alguma forma, uma revisão do conjunto. Sempre é possível encontrar alguém que nos enriqueça, que caminhe um trecho conosco, que nos estimule e nos mostre uma meta possível.

Na amizade pode haver *ciúmes*? Podem entrar novos amigos. Mas se apresentam casos de ciúmes reais e verdadeiros, sobretudo na amizade com adolescentes, assemelhando-se ao namoro. Todos nos sentimos um pouco abandonados ao ver que nosso amigo(a) preferido(a) se dedicava a outro e não se preocupava mais conosco. Mas isso é ciúme ou desilusão? O novo amigo não nos deve levar a descuidar o ‘velho’ amigo. Mas “ciúme” se aplica a situações nas quais não podemos dividir nosso amado com ninguém mais; queremos que só pense em nós, de modo exclusivo, e nos angustia a idéia de que possa não fazê-lo. Os ciúmes são sempre uma espécie de delírio de ciúmes. O ciumento é uma pessoa obsesionada por temer ser abandonada por qualquer outro. Este tipo de ciúmes são incompatíveis com a amizade porque a amizade não suporta padrões nem prisioneiros. Também a necessidade de exclusividade é incompatível com a amizade, porque a amizade é aberta, livre, serena. Quando aparecem estes sentimentos é sinal de que algo não funciona e cedo ou tarde haverá uma crise.

No **estado nascente** os indivíduos se sentem transfigurados, vêem-se mutuamente com caracteres heróicos, deslumbrantes. Vejamos o caso do **namoro**. No início não conhecemos nada da individualidade, da materialização da pessoa amada. Sabemos que a amamos antes de saber onde mora, se tem irmãos, pai, mãe, se é rica ou pobre, sadia ou doente. Para agradá-la precisamos saber seus gostos. Não pretendemos agradá-lo pelo que somos, por nossa presença e por nossa dedicação. Achamos que só uma coisa lhe interessa: **nosso amor**, e por isso lhe damos provas de sua intensidade. Aceitamo-la como é. Não nos interessam seus afetos. Se sabemos quais são, isso nos comove. Isso aparece nos presentes por parte dos namorados e dos amigos. O namorado escolhe um presente que torne a pessoa amada ainda mais desejável e bela a seus olhos. A primeira coisa que uma mulher enamorada faz é mudar seu modo de vestir para agradar a seu homem. A segunda é mudar de modo radical a forma de vestir de seu homem para que lhe agrade a ela. Tinha-se enamorado do homem como era antes, mas já não o quer assim. Com seus presentes o muda para aproximá-lo desta perfeição que ela constrói em sua mente. O homem enamorado também busca, com seus presentes, acentuar ou potencializar a beleza de sua amada. Em síntese, nenhum dos dois presenteia algo para agradar ao outro, não se preocupa em satisfazer seus gostos. Presenteia aquilo que contribui para tornar o amado mais desejável ainda para ele. O presente que queremos dar ao **amigo** o escolhemos para que ele goste, para que o enriqueça e o potencialize de acordo com seu critério. Para fazer um presente a um amigo precisamos pensar nele tal como é, o que ele pode fazer com este obséquio, onde pode usá-lo. Não queremos embelezá-lo nem fazê-lo mais atraente e desejável a nossos olhos. Numa palavra, nos colocamos a seu serviço e não buscamos – como no namoro – colocá-lo a serviço de um ideal.

Só mais tarde, quando o par já está formado, existe um lento processo de descobrimento, reconhecimento e respeito pela pessoa em si, tal como é na realidade. O amor que aponta para a essência

aprende a satisfazer os desejos empíricos e concretos do ser amado. Procura o que lhe gosta e descarta o que não gosta, penetra em suas preocupações. Esta é a passagem do *namoro ao amor*.

O namoro, enquanto vivo, faz o outro irreconhecível. Tende à coletividade e impulsiona o indivíduo a transcender-se na coletividade. Se continuarmos enamorados de alguém, mesmo depois de anos de separação, não sabemos o que era na verdade nem o que pensava de fato. Quando um amor se trunca, e não se consome na cotidianidade, nunca saberemos se o outro nos amava de verdade ou não. O enamorado nunca está seguro do amor do ser amado se este não o diz. Quem não está enamorado sabe isso, mas quem está, aguarda.

O namoro pode continuar, chegar à instituição, e então se transforma em amor recíproco, estável e profundo.. Mas também pode fracassar e terminar, e em geral, de forma brusca, dramática e dolorosa. Existe decepção. O namoro é busca de reciprocidade. Cada qual pede ao outro coisas que não tem ou não pode dar, coisas que não pode fazer. Sempre há pontos de não retorno. O desespero que aparece no momento do não retorno revela os aspectos mais profundos do ser, as bases sobre as quais está construído seu eu. O amor vai contra estes 'não retorno'. Do ponto de vista do namorado, as rejeições do outro são debilidades culpáveis, limitações absurdas. Se não faz o que se pede não se sente suficientemente correspondido em seu amor. Por isso diz 'não' e sai de perto.

Há uma lenda que diz que mesmo que o namoro termine mal, leva à amizade. Dois seres que eram enamorados não se conheciam e não se compreendiam, dizem agora que se conheciam a fundo e, libertos da paixão, se amam como amigos. Como regra geral, isso não é verdadeiro. O namoro, quando termina, sempre deixa algum rancor, alguma amargura. E isso também inclui as críticas ao passado. Seus corações estão sempre cheios de saudades e a saudade gera ressentimento, sobretudo naquele que teve a impressão de ter sofrido mais dano, de ter sido enganado. Por isso, é muito difícil que o namoro, ao terminar, deixe como saldo uma amizade serena. Deixa antes o desejo obsessivo de manipular o outro, de ocupar seus pensamentos, atrair sua atenção sem deixá-lo um instante sozinho. Com frequência, o amor quando termina mal, se transforma em desejo de posse, obstinado e ávido. Este desejo pode inspirar ações grandes e heróicas, pode impulsionar aos que têm dons criativos a realizar uma obra de arte. Aos mesquinhos e menos dotados os empurra a telefonemas ofensivos, a críticas e, caindo cada vez mais baixo, à difamação e aos anônimos.

É difícil a amizade entre antigos namorados, exatamente porque neles segue agindo o desejo do paraíso perdido e o ressentimento em relação a quem não soube realizá-lo num tempo e não sabe agora evocá-lo. Só novo namoro destrói o ressentimento. Só novo namoro feliz torna a percorrer o passado com seu fogo purificador e só quanto este namoro passou a ser um amor sereno pode reencontrar-se com serenidade. Tudo vai depender das virtudes que possuem. A amizade é um juiz implacável, não admite exceções.

A amizade não é uma continuação do amor. “Continuamos sendo amigos”, mas é para negar o que realmente continua existindo: o desejo e o rancor profundos. Outras vezes, esta frase somente serve para dizer que os dois antigos amantes conservaram uma relação civilizada, amável e não envenenada pelo ódio.

Não ser correspondido é típico do namoro, ao passo que a reciprocidade é típica da amizade. A amizade não continua se não há reciprocidade. “Quem quer o bem do outro sem reciprocidade é benévolo; quando há reciprocidade, a benevolência se chama *amizade*”(Aristóteles). Uma amizade sem reciprocidade é um contra-senso.

A amizade só pode ser interpessoal ou também pode ser comunitária? É uma questão antiga. O ideal de Epicuro e seus seguidores era constituir *comunidades* de amigos para levar ali uma vida de perfeição. Toda sua sabedoria se orienta para a edificação de uma *comunidade* fundada na amizade. O mestre é o que conhece a verdade e a comunica aos discípulos. O epicurismo é um movimento que avança através das diferentes fases do estado nascente (de grupo), de instituição (de

grupo) e de cotidianidade do grupo. Epicuro denomina amizade à relação de fraternidade que se estabelece dentro de um **movimento**. Mas isso é diferente. Num movimento, as pessoas se unem. No movimento encontramos amigos, mas *não é o grupo de amigos que cria o movimento*. É o movimento que cria a amizade, e não é questão simples. O estado nascente do movimento gera fortes vínculos de solidariedade, de fraternidade. Mas não se pode confundir este tipo de amor com a amizade pessoal. Quem pertence ao movimento se sente companheiro, irmão, camarada dos demais. Os companheiros – ou irmãos ou camaradas – tendem à fusão e se consagram totalmente ao serviço do grupo e à sua missão. O movimento exige dedicação ilimitada: nos movimentos religiosos, a Deus; nos políticos, ao partido, à pátria ou à revolução. Este serviço é mais importante do que o indivíduo isolado.

Dentro dos movimentos a pessoa se vê transfigurada e não só nos movimentos religiosos. Acontecia entre as feministas da década de setenta. As mulheres falavam com entusiasmo de companheiras a quem tinham encontrado e apenas conhecido. No estado nascente a gente crê pertencer à república dos santos, à federação dos escolhidos. No estado nascente todos são líderes. Cada sujeito se sente completamente livre e, sem dúvida, atado ao destino coletivo. Por isso, nem quando obedecem se sentem diminuídos, porque tanto o líder quanto eles, unicamente obedecem a esta entidade transcendente. Não se encontram amigos, mas *militantes*. Não se vê a verdadeira personalidade do outro. Todos se elogiam e se reconhecem à primeira vista, todos se vêem como heróis.

As grandes forças coletivas são igualitárias. Ante o líder, ante o rei, ante à lei, ante o movimento, a amizade parece um favoritismo injustificável, mesmo que não se proponha nada além do que se exige. Nos movimentos, a existência de amigos pessoais corrige a indiferença impiedosa do chefe ou do grupo. No cristianismo o indivíduo é um limite e um fim. Amar o indivíduo tal qual é, é um fim. Isso jamais sucedeu nos movimentos cristãos. No máximo houve dialéticas indivíduo-grupo, indivíduo-líder. Também no cristianismo o impulso coletivo tende a abafar o indivíduo e a absorvê-lo no grupo. O movimento, quando nasce, se coloca para além do bem e do mal. Aparece uma ética quando o grupo reconhece que tem limites.

É um pouco lei da vida ter impulsos superabundantes e um limite. Sem impulso só há mesquinhhez, interesse. Sem limite só há totalitarismo moral. O personalismo é o limite que se põe ao movimento, mas também um aperfeiçoamento do mesmo.

Companheiros e amigos não são a mesma coisa. A amizade sempre é mais imprevisível que a **ideologia**. Faz que as pessoas sejam diferentes, nunca trata as pessoas do mesmo modo. Só o amigo pode ser pessoal, nunca o companheiro. O ideólogo, o líder carismático trata a todos do mesmo modo, como abstrações e não como indivíduos únicos e inconfundíveis. O grupo tem uma substância social homogênea, a amizade nunca é homogênea. Os amigos não são pares que se tratam como iguais, como o fazem os monges. São pares que se tratam de maneira personalizada.

Há outro tipo de solidariedade que às vezes se identifica com a amizade: é o tipo de **união e confiança** recíprocas que provêm de uma experiência de vida em comum, de ter compartilhado coisas boas e sofrimentos, frustrações e perigos; ter estado juntos diante da morte; ter lutado contra um inimigo comum. Isso se aguça quando as pessoas sentem que estão submetidas a um destino comum. A individualidade quase se fundiu com a dos demais, estabelecendo um nexos entre eles e nós. Esta solidariedade também caracteriza aos que pertencem a um grupo político ou étnico com uma boa organização. Exemplos temos na Ação Católica e outros. Em todos os países há círculos de judeus que compartilharam perseguições comuns, participaram da mesma história e a mesma cultura e estão mais dispostos a compreender-se. Quase todos os psicanalistas seguidores de Freud eram judeus e os que primeiro se afastaram do mestre e polemizaram com ele foram aqueles que não eram judeus.

A **militância** dentro do movimento é a terceira fonte de solidariedade. Um movimento aparece no mundo para opor-se ao mundo. Seus membros crêem sempre ser os eleitos, os salvadores. Identificam-se mutuamente e vivem como irmãos. Mas os movimentos podem desaparecer e então a soli-

dariedade termina. Entre os participantes fica a nostalgia do passado. Quando o movimento se institucionaliza, torna-se um credo, uma ordem religiosa, uma seita. Os vínculos se reforçam. Exemplos: *Comunione e Liberazione* e *Opus Dei*.

Estes tipos de solidariedade são apenas a precondição da amizade. Mesmo dentro da solidariedade, a amizade realiza suas opções. A amizade é opção. Em situações de certa opressão, a amizade é uma forma de libertação dela. Não vale o que se sofreu junto, se esta vida foi vazia ou insignificante. O que vale é a qualidade de vida, a direção que toma o encontro. Por isso, **toda amizade nasce sempre da coletividade, mas contra a coletividade**, nasce de um campo de solidariedade, mas contra este campo de solidariedade. Entre a amizade e o grupo existe um nexos dialético. A amizade nasce como relação interpessoal entre individualidades contrapostas ao grupo, mas pode também transformar-se paulatinamente em grupo. Os amigos que dentro da coletividade se isolam para continuar sendo eles mesmos passam, gradativamente, a formar uma pequena comunidade fechada, com regras e linguagem próprias.

Por que não nos aborrecemos com os amigos? Por que a verdadeira amizade sempre é aventura, exploração dos mistérios da vida, busca? Dessa forma nasce a amizade durante a infância e durante a adolescência. Duas *crianças* se tornam amigos inventando jogos, soltando a fantasia, explorando o mundo que os rodeia. Cada um precisa do outro para dar corpo a um mundo imaginário e colocá-lo em cena para explorar nele, depois, o mundo real. Praticamente não há conhecimento do mundo que não parta da fantasia. Na *adolescência* diminuem as fantasias de aventuras, mas se aprofunda o interesse pela vida psíquica, pelo mundo social e pela história. Assim, os adolescentes precisam escolher o tipo de relações com os demais. Todos são, de alguma forma, psicólogos que perscrutam suas psiques e a dos outros para compreender suas leis. Nesta busca da própria identidade e, portanto, das diferenças com os demais, a pessoa que sentimos mais próxima, a mais estudada é o amigo, aquele que está mais próximo de nós e ao qual podemos estudar como se nos estudássemos a nós mesmos, vendo-nos de fora. O amigo da adolescência não é idêntico a nós; é semelhante a nós e ao mesmo tempo diferente, extremamente diferente. Mostra-nos uma perspectiva diferente do mundo, viu coisas que não tínhamos visto, explorou o mundo por nós e continua explorando regiões novas da experiência.

O adolescente, qual filósofo se pergunta: Por que as coisas são assim e não diferentes? Por que estou aqui e o que vim a fazer? Aonde vou e onde devo ir? É o despertar da consciência. A amizade está ligada a estas perguntas. A relação com o amigo assinala as possibilidades e os limites da pessoa. A amizade é identificação e diferenciação. O encontro entre amigos é sempre o descobrimento da própria diversidade, da própria unidade e da própria solidão, do próprio risco individual. É também verdade que a amizade é segurança, pois o amigo sempre está junto. Em companhia, os amigos podem até fazer as coisas mais perigosas. *Quanto mais vezes os amigos se encontrarem mais se forçam a transitarem sozinhos depois na vida real.*

Não é verdadeira amizade aquela na qual se fala dela como proteção, como costume. Difundiu-se a idéia de que a amizade é um costume, e que sua essência pode estar num encontro num bar ou numa piscina. Há pessoas que identificam a amizade com reuniões mundanas ou conversas depois da janta. Contudo, quando há tédio não há amizade; quando há reiteração e monotonia, não há amizade. Se amigos se aborrecem significa que não são amigos ou interveio um terceiro para perturbar seu encontro. Uma festa não é reunião de amigos: é uma mistura de amigos, conhecidos e pessoas ocasionais, com objetivos diversos: passar o tempo, conhecer gente nova, fazer negócios, dar-se a conhecer, buscar uma aventura erótica, etc.

As crianças se enervam com seus amigos, têm nojo deles, ciúmes e depois se apaziguam. A amizade de adultos não admite tais coisas. Às vezes adolescentes têm atitudes semelhantes aos namorados com seus amigos: apegam-se a eles reclamando exclusividade, sentem ciúmes. Na adolescência não há distinção clara entre namoro, afeto, amor fraternal e amor amistoso, o que existe na

idade adulta. A amizade infantil e adolescencial diferem menos das outras formas de afeto e amor, o que não quer dizer que não possam ser distinguidas nesta idade.

Há pessoas que se encontram por uma noite, ano após ano, para falar um pouco. Muitas vezes são da mesma idade, são companheiros de escola. Os temas são quase sempre os mesmos. Mas isso é mais *companhia* do que amizade. A companhia amistosa é um grupo tradicionalista sem outra finalidade que sua própria sobrevivência. Muitos grupos de colegas da adolescência se dissolvem quando se casam, quando vão morar em grandes cidades. Mas, os amigos vivem em diferentes lugares e para encontrar-se precisam programar o encontro. Às vezes ex-alunos da mesma série se encontram, acrescidos de suas mulheres ou maridos. Depois de um tempo a coletividade se reestrutura como uma sociedade fechada. Muita gente quando pensa nos amigos, pensa neste tipo de formação social.

Numa sociedade estruturada e consolidada se ‘aprisiona’ a busca de novidade, de variação, daquilo que empolga. A amizade enquanto busca inquieta é molesta. Por isso, atribui-se a este tipo de amizade à infância. A amizade toma partido pelo indivíduo contra a coletividade. Como é natural, a coletividade prevalece sempre, absorve em seu seio a amizade individual e faz dela uma molécula de qualquer outro corpo. Mas não se pode eliminar a tensão: reaparece. A amizade consiste nesta reaparição da tensão, isto é, da individualidade e de sua exigência de espontaneidade e autenticidade.

No fundo, o amigo é o **companheiro de caça e de guerra, aquele que está a nosso lado na atividade de exploração e de conquista do mundo.** O amigo não é aquele que nos dá, nos alimenta e nos acolhe; não é nossa fonte de subsistência nem nosso benfeitor. É nosso cúmplice, aquele que nos ajuda a alcançar as coisas. Na infância os pais nos sustentam e se preocupam conosco. Mais tarde aprendemos a sobreviver por própria conta. O amigo é aquele com o qual aprendemos a desfrutar dos recursos e a manejar o mundo. O encontro é transitar juntos um trecho do caminho. Para tal ambos precisam estar em movimento. Quando fazemos amizade nos forçamos a mudar, a retomar tudo o que fazemos e o que somos. Muitas vezes na vida perdemos a identidade e precisamos reconquistá-la. Nossa identidade é sempre uma identidade social. Somos o que somos em relação com o mundo, com o modo com o qual nos define e nos definimos. O que mais muda é a sociedade em seu conjunto. Em pouco tempo muda a forma de pensar, os valores, as soluções aos problemas, as palavras, a linguagem.

Quem pode conservar seu *status*, sua posição sem uma atividade e uma luta constantes! Para muitos, o que sempre está em discussão é a fama; para outros, o simples sustento, e para outros, o poder. O que somos, o estar, o ser, é o resultado de uma profissão, de uma capacidade, de um agir constante. O animal dedica grande parte do tempo para conseguir alimento. É por isso que os pássaros voam. Se tivessem alimento não voariam. Os cisnes bem nutridos são animais preguiçosos, apáticos. Em condições naturais, os animais precisam evitar de serem comidos. Quase todos os animais são alimento de algum outro. Além disso, a sexualidade obriga a enfrentar o macho da mesma espécie. O território próprio é resultado de uma ação. É preciso patrulhá-lo e defendê-lo da entrada de estranhos. Quando o animal se sente protegido de todos, ele dorme.

Na vida não há uma única idade evolutiva. Toda vida é um processo evolutivo. Mas, nem todos os dias precisamos adaptar-nos. Há períodos durante os quais nos identificamos com uma tarefa, com um papel. Então sabemos quem somos e o que queremos. Mas depois isso passa e experimentamos certo fastio. A verdade é que somos nós que perdemos com a sociedade mais ampla e nos refugiamos em nosso meio imediato onde tudo permanece estático. O fastio é sintoma da deterioração de nossa relação com o mundo e, conseqüentemente, conosco mesmos. O fastio somente desaparece quando retornamos ao mundo, quando aceitamos o desafio, quando buscamos nossa nova identidade.

Nestes períodos de transformação encontramos os amigos. O encontro com o amigo é somente um aspecto do encontro com o mundo. Em períodos nos quais perdemos contato com a sociedade e nos afastamos de nós mesmos, diminuimos nossas relações interpessoais. Reduzimos nossos contatos com pessoas muito conhecidas, e temos pouco a falar a nossos amigos. A busca de reencontro conosco mesmos se faz por tentativas e erros. É a atividade exploratória, na qual se acumulam erros e decepções. Só depois de determinado tempo começamos a entrever qual pode ser nosso caminho. Então ali programamos ações que nos projetam numa direção. Não podemos, então, perder-nos em fantasias e em debilidades. Começamos a crer que são amigos os que nos tratam bem, os que nos ajudam a superar barreiras. Somos sensíveis e chegamos a odiar aquele que poderia nos ajudar e não o faz, invejar a quem, a partir de seus privilégios, nos nega a justiça.

As pessoas que nos ajudam e nos tratam bem, nossos *benfeitores*, são uma segurança dentro da sociedade inimiga, e são um suporte para ir a outros lugares. Até o momento de uma reestruturação pessoal, consideramos amigas muitas pessoas. Se olharmos melhor nossos sentimentos, notamos que nossa atitude amistosa depende somente do que fazem, de sua benevolência, do fato de nos servirem e nos serem úteis. Se nos negam algo, logo ficamos agressivos ou os deixamos de lado.

Dentro deste emaranhado aparece a amizade. Ela não é algo que aparece já formada. Surge na luta. Tem necessidade de ansiedades, de perigos, de incerteza, mentira, hipocrisia, dúvidas. **A amizade é a ilha ética num mundo carente de moral e no qual todos estão em guerra contra todos.** Neste período é difícil que ela se nos apareça nos *benfeitores*. Eles são mais recursos dos quais podemos aproveitar, seres frente aos quais adotamos uma atitude instrumental, que tratamos bem porque precisamos deles, mas não duvidaríamos arrancar-lhes as coisas das mãos se no-las negassem.

Qual é relação com o *benfeitor*? Não pode consistir somente na utilidade. Dependemos bastante deles. O protótipo de benfeitor é a **mãe**. O sentimento que o benfeitor nos inspira é de **gratidão** e de agradecimento. O agradecimento não é produto da reflexão nem resultado do cálculo pelo benefício recebido. É um movimento espontâneo do ânimo, um impulso que faz nascer em nós o desejo de retribuir o que recebemos, mas não de modo proporcional. A gratidão não depende das qualidades do benfeitor ou de nossos sentimentos para com ele. O benfeitor pode ser simpático ou antipático, inteligente ou estúpido, gentil ou grosseiro, honesto ou desonesto. Nossa gratidão não sofre influência disso. Em relação ao amigo há reciprocidade. Por isso não nos sentimos em dívida com ele, mesmo que tenha feito muito por nós. Pode dar-se o caso de o benfeitor se tornar amigo, quando ele não é passivo, quando não é fonte de recursos, mas alguém que se coloca a nosso lado para construir a nosso lado; ou seja, quando ele também se coloca em movimento e se lança na aventura. Um amigo sempre é duplo: por um lado é como nós, nossa cópia, e por outro, pertence à sociedade que nos é desconhecida. Num país estrangeiro, o amigo é aquele que toma posição contra seu país, ao menos em algum aspecto, e se torna nosso cúmplice. Não é aquele que nos hospeda, mas aquele que nos ajuda a descobrir os segredos do país.

A busca da identidade é uma viagem de iniciação. Quem vai em busca de sua identidade deve perder-se e encontrar-se, morrer e renascer, descer aos infernos e regressar à luz. Esta viagem não se pode realizar em grupo, é uma aventura eminentemente individual, e que tem riscos. A morte-renascimento pode ser morte; pode-se não mais regressar dos infernos. Requer prudência e esperteza. Algumas vezes o amigo acompanha do início ao final, outras vezes num momento crucial, às vezes vai na frente, outras se limita a confrontar e aconselhar.

Além de namoro, amizade e outras formas de amor, existe o **erotismo**. O erotismo pode se apresentar de forma autônoma ou ligado às outras dimensões. No namoro há extraordinário erotismo. Os namorados passam o tempo abraçados, num êxtase recíproco. Mas também fora do namoro existe forte atração erótica. Podemos dizer que é o erotismo e não o namoro que predomina na vida quotidiana. Ele se faz presente de alguma forma em todas as relações entre os dois sexos. A mulher avalia, em geral, o homem como possível objeto erótico; o homem avalia a mulher da mesma forma.

Numa época de *sex-appeal*, algumas são mais atraentes do que outras. Uma pessoa interessante do ponto de vista erótico pode carecer de outras qualidades ou virtudes. Não necessariamente é inteligente, honesta ou decidida. A atração erótica não tem nada a ver com o juízo moral. Neste sentido ela se opõe completamente à amizade: é sua antítese. Mas, o erotismo também produz formas de união, influi para que pessoas se procurem, se desejem à distância, queiram encontrar-se novamente e estar juntas. Muitos confundem esta atração com namoro. A diferença está em que uma vez satisfeita a questão erótica ela diminui, ao passo que os namorados, quanto mais tempo passam juntos mais querem que ele se prolongue. Quanto mais unidos, mais sentem a necessidade de diminuir ainda mais a distância entre eles. O erotismo, ao contrário, tem capacidade para satisfazer-se. Simula a paixão e tem em comum com ela a loucura. Mas quando alcança a meta, se aplaca e se esquece. Depois o interesse se reconstitui da mesma dinâmica do que a fome, a sede, o sono. O interesse erótico difere do namoro porque se sente atraído pela novidade e estimulado pelo diferente. O namoro busca com obstinação a mesma pessoa, e se não a encontra, não tem paz. O erotismo, mesmo que busque a mesma pessoa, está sempre disposto a substituí-la, bastando apresentar-se a ocasião.

Na relação erótica os dois amantes buscam uma finalidade: dar-se prazer um ao outro, e nada mais. Não podem viver um sem outro. É provável que não exista nenhuma outra forma de reciprocidade mais imediata, total e espontânea como esta. Por esta razão a psicanálise tomou a sexualidade genital como protótipo da reciprocidade. O erotismo, como a amizade, tem a natureza do encontro. O tempo do erotismo, como o da amizade, tem uma estrutura granular. O namoro busca uma pessoa única e inconfundível na qual todas as qualidades sejam extraordinárias e sublimadas. *O erotismo só vê as qualidades eróticas e busca a experiência e não a pessoa em si.* O núcleo do namoro é o estado nascente. O núcleo da amizade é o encontro e a amizade é uma filigrana de encontros com a mesma pessoa. O núcleo do erotismo é a experiência. Uma experiência erótica dura enquanto a relação erótica, o prazer erótico, conservarem sua natureza extraordinária e inaudita. Quando não se encontra numa pessoa, busca-se outra. O namoro visa à formação de uma coletividade, de um par. A amizade busca percorrer juntos o caminho da vida, lado a lado, com lealdade. O erotismo é encontrar-se para dar-se um prazer extraordinário. O prazer erótico provém da fusão dos corpos, da anulação, por um instante, da identidade; no namoro, as duas pessoas se fundem para constituir uma nova entidade, um nós, que se propõe durar e modificar a realidade; no erotismo as duas pessoas tendem a uma fusão temporária, a uma anulação temporária de suas individualidades físicas e psíquicas. Também o erotismo é ânsia de conhecer. Pergunta-se como será, como reagirá; talvez seja a forma de conhecimento mais simples entre dois sexos, a porta mais imediata para entrar numa intimidade.

Em geral são os jovens que mais freqüentemente buscam experiências eróticas. Por isso, podem considerar incompleta e parcial uma relação que não tenha desembocado num contato sexual. A busca da sexualidade pode tornar-se paroxismo, isto é, sensação máxima, excitação em determinados períodos da vida. Então, a pessoa trata de 'seduzir' ou 'conquistar' a maior quantidade possível de pessoas do outro sexo. Em certos aspectos, é uma forma de poder; em outros, uma exploração, uma ânsia de conhecimento. A quantidade termina anulando o conhecimento, nivelando as experiências e destruindo o erotismo, e as pessoas se confundem umas com as outras. Tantos corpos nus e tantos corpos iguais. E o erotismo se dilui na falta de diferenças.

O erotismo é tensão entre a individualidade e a fusão. Tem necessidade do indivíduo para anulá-lo; tem necessidade da fusão e da nudez para encontrar nelas o específico, o único. O homem erótico tem necessidade de roupas elegantes. Mas ele é frio; a mulher é ativa, distante e inabordável como uma deusa. A sedução feminina é ao mesmo tempo distanciamento e convite, recato e insinuação. Ela é o símbolo genérico da sedução, convidando o homem a avançar, a propor, a tomar a iniciativa para poder defender-se, e depois, de improviso, ceder. Nisto o ser humano repete o que em geral acontece com outros seres vivos.

Qual a diferença entre **amizade e relação erótica**? Não é em si a estabilidade. Há casos em que os amigos vivem próximos por toda a vida; outros se encontram com menor frequência e, até, esporadicamente, mas é amizade verdadeira. O erotismo pode gerar uma relação durável. A amizade se caracteriza pelo encontro. No encontro descobrimos o amigo para além do tempo. No encontro erótico também interessa o presente, sem que interesse o que aconteceu no intervalo. A diferença está na *experiência* em si. A experiência erótica nunca é casual, se prepara. Prepara-se para ter prazer novo, extraordinário, não necessariamente recíproco. Se não se tem, pode até desaparecer. A amizade não prepara nada. Os amigos não esperam nada de seu encontro. Não o julgam, não o avaliam. O encontro erótico é preparado em vistas de seu resultado. Tudo o que acontece é avaliado e julgado. *O encontro erótico é uma prestação recíproca* que deve causar satisfação. Cada qual pode iludir-se e se isso se repete mais vezes não haverá motivo para continuar buscando algo que não existe. Há manuais que falam de técnicas de melhorar o desempenho. A arte de amar, se o amor se entende no sentido erótico, é arte que se pode aprender e ensinar. Não há arte para enamorar-se ou fazer amizade. Livros sobre a arte de amar são mistificações. O amor não se aprende, se conhece a priori. Tampouco se aprende a amizade. Aprendem-se boas maneiras para viver com gentileza, o que, de fato, beneficia o amor e a amizade. *A sedução* se aprende. O mundo do erotismo é um mundo de meios e fins: conhecem-se os fins e se aperfeiçoam os meios. Na amizade e no namoro as pessoas se encontram sem saber o que querem. Só no encontro se revela o fim. Para o erotismo mais puro não há interesse pela existência e pela durabilidade; quer o prazer extraordinário e basta. As relações eróticas, diversamente da amizade e do amor, podem cessar num instante, sem lamento, sem ressentimentos e sem rancor. O amor cessa somente depois de inumeráveis frustrações. A amizade morre por causa de um trauma, traição ou decepção, e com isso também termina com dor, amargura e deixa uma sensação de ilusão que pode durar muito tempo. *Muitos namoros não passam de relações eróticas enriquecidas de romantismo.*

A amizade nunca sente auto-complacência por si mesma, mas a sexualidade sim. Durante o contato erótico a pessoa se diz: “Como gosto de você, como foi bom passarmos juntos”. O erotismo tem necessidade de proclamar o prazer, o próprio prazer e o prazer de estar com o outro, de estar junto. Não há pudor. A relação erótica se alimenta com declarações de amor recíproco. A amizade, ao contrário, é esquiva, pudica e silenciosa. Dois amigos não dizem “Que bom que passamos juntos”. A amizade é um prazer, produz grande júbilo, mas é uma espécie de júbilo que não se expressa. Poder ajudar a um amigo que nos ajudou no passado é uma felicidade, e nos traz alegria grande, mas não podemos expressá-la. Os namorados juram-se fidelidade eterna; os amigos nunca juram, não se prometem nada.

Erotismo e amizade podem coexistir? São diferentes e não podem ser confundidos, mas não necessariamente são incompatíveis. Amizade e namoro, sim, são incompatíveis. Se dizemos ao nosso amado: “Continuamos amigos” quer dizer que já não o amamos. A amizade é incompatível até com o amor que aparece na forma estável do namoro. O amor que nasce do namoro (instituição) conserva suas características essenciais. Os que se amam assim podem ter encontros similares aos dos amigos, mas seu afeto é exclusivo e, com frequência, são ciumentos no aspecto sexual e sempre o são frente a outro namoro. O *nós* do casal é uma coletividade solidária, com obrigações mútuas, com grande controle recíproco. A amizade é o contrário. Introduzir neste casal a liberalidade da amizade é destruí-la. A amizade também é uma forma de amor, mas bem diferente. O erotismo tampouco pode ser considerado como uma forma de amor. Por sua natureza não produz uma relação estável.

Ao combinar o erotismo com o namoro, ele o sacraliza, o sublima. O corpo erotizado do ser amado suscita reverência e adoração. Neste caso, o erotismo perde seu caráter de infração e violação, mas porque o próprio namoro é transgressão, revolução. Algumas vezes a combinação de erotismo e amor se dissolve depois de um determinado tempo e o amor perde seu erotismo e se torna afeto, doçura, lealdade. Um amor que perdeu seu erotismo continua sendo amor e não se desvanece.

O nexu entre erotismo e amizade é ainda mais difícil. A amizade é totalmente heterogênea em relação ao erotismo. Em geral, na relação entre dois sexos, há um momento no qual o encontro pode evoluir até o erotismo ou para a relação amistosa, com iguais possibilidades. Quase sempre se opta por uma ou por outra. Amizade e erotismo podem conviver. É factível a amizade entre pessoas de sexo diferente que mantiveram ou mantêm relações eróticas entre si. É possível porque a amizade sabe viver uma vida autônoma, não precisa do erotismo e por isso não se sente ameaçada por sua frivolidade. O erotismo por si só não se prolonga na amizade. A atração erótica pode alimentar-se de coisas incompatíveis com a amizade, como a vulgaridade, o capricho, a mentira. O erotismo é ambíguo por natureza; diz ‘sim’ e ‘não’ ao mesmo tempo. O erotismo não gera amizade, mas *a amizade é compatível com o erotismo*. Na amizade erótica, o que conta é a filigrana de encontros. O que conta é a confiança, a fé, a lealdade espiritual. O erotismo neste caso é apenas um componente do encontro. Dentro da amizade, o erotismo é sempre um apêndice que não interfere nem deve interferir nos fundamentos da amizade.

Na *amizade erótica*, a amizade começa onde a sedução termina, onde cessam a manipulação e o poder. A amizade erótica verdadeira é feita de impulso, sem cálculo, com generosidade para acrescentar-se e para acrescentar, sem cálculos mesquinhos pró e contra, sem vontade de reter, dirigir, influir ou impulsionar em determinada direção.

O poder e a agressão dominam a vida cotidiana. Muitas vezes superiores sentem um prazer grande em reafirmar seu poder em relação a seus subordinados. Entre colegas há luta pela hierarquia. O sistema profissional está edificado para subir na escala do prestígio e do poder. Os grupos sociais são coalizões que se formam para lutar contra os adversários e vencê-los. Para tal existe a maledicência, agredindo de maneira coletiva aquele que está ausente, e deixá-lo fora.

O desejo de poder, de sobressair, a necessidade de dominar, estão também presentes nas relações conjugais, entre pessoas que se amam. Entre os casais há uma luta permanente e sutil na qual um se afirma em detrimento do outro, faz com que se sinta culpado, humilha-o. Às vezes, após o período intensivo do namoro, fica apenas esta necessidade de agressão e de revanche. Às vezes nos perguntamos em relação a alguns casais: o que mais os une é o amor ou o desejo de vingança, o desejo de ter o outro amarrado ou submisso?! Alguns se tornam verdadeiros déspotas. Não importa o que o outro faça, mesmo que seja perfeito e admirável, jamais lhe farão um elogio. Descubrem algum defeito, fazem deduções a partir de um detalhe insignificante, e assim destroem o valor de toda a obra. Assim, o outro sempre se sente culpado. Quem nos liberta deste mundo mesquinho e de seu peso diário é a amizade. O amigo não tem comportamento mesquinho em relação a nós. Nenhum amigo falará mal de nós. Na amizade não tem lugar para a agressão e para o poder, nem para o miserável poder cotidiano, nem para a menor maldade. Os amigos são magnânimos um em relação ao outro.

A *ambivalência* domina a vida cotidiana. Às vezes sentimos amor e ódio ao mesmo tempo. Um objeto de amor – a pessoa que amamos, nosso pai, nossa pátria, nossa Igreja – incorpora cargas positivas. Quanto mais importante o objeto, maiores são as cargas acumuladas. Ao contrário, nosso inimigo pessoal ou o partido político de oposição, ou seja, tudo aquilo que nos parece desagradável ou odiamos de modo permanente, são objetos que incorporam cargas negativas. Uma relação não ambivalente é aquela na qual existem ou só cargas positivas ou só negativas. Do ponto de vista do princípio do prazer, é de suma importância a presença ou a ausência do fator ambivalente. Segundo Freud, experimentamos prazer tanto se expressarmos nosso amor quanto nossa agressividade. O guerreiro se sente feliz ao olhar o cadáver do inimigo que matou, da mesma forma o amante está feliz nos braços da amada. A felicidade do guerreiro depende do fato de que sua agressividade pôde descarregar-se sobre o inimigo, objeto de cargas negativas. E seria infeliz se tivesse matado o amante. A felicidade do amante está no fato de estar nos braços daquela pessoa que só incorporou cargas positivas. Seria infeliz se abraçasse seu inimigo. Portanto, só se produz o prazer quando as

cargas se dirigem a objetos que incorporaram, sem cessar, cargas do mesmo tipo. Toda vez que a agressividade se dirige a objetos de amor experimentamos sofrimento, que pode assumir a forma de remorso. Toda vez que o eros se dirige a objetos negativos, sentimos raiva contra nós mesmos.

É fácil, assim, compreender que a ambivalência é fonte de sofrimento. Ela nos impede de sentir o prazer da agressividade e do amor em sua forma pura. Se formos ambivalentes, quando amamos desejamos também fazer o mal ao ser amado. Depois nos sentimos mal e temos a necessidade de reparar o dano. A ambivalência intensa é sinal de enfermidade e de morte. Por que nossa vida está dominada pela ambivalência? Por causa da importância de alguns objetos de amor. A mãe ama seus filhos, mas deve viver sempre com eles, cuidá-los sempre, mesmo quando está cansada, e mesmo quando não tem vontade de fazê-lo. Os filhos a realizam como mulher, mas são também um obstáculo para seu crescimento pessoal em outros aspectos.

A ambivalência está em todos os espaços da vida cotidiana: no trabalho entre colegas, com superiores, com pessoas que estão perto de nós. É fácil separar os sentimentos em relação aos que nos são quase indiferentes. Mas não podemos evitar a superposição de nossos sentimentos quando estamos unidos à pessoa, quando não nos é indispensável, quando a queremos ter sempre perto de nós. A ambivalência é a enfermidade das relações intensas e quanto mais forte e sólido o vínculo, mais penosa é. O sofrimento é proporcional ao papel total do objeto.

O único vínculo afetivo incompatível com a ambivalência é a amizade. No namoro podemos odiar o ser amado. Podemos ser ambivalentes em relação aos pais e filhos e colegas, mas não o podemos ser em relação aos amigos. É inevitável que uma convivência contínua crie motivos de ressentimento, coisas pequenas que podem adquirir importância. A convivência tende a consolidar as relações afetivas, mas ao mesmo tempo divide. Os namorados escolhem este caminho e assumem este risco porque tendem à fusão. A amizade tende a renunciar à fusão em favor do encontro. O encontro sempre é positivo. Por isso, experimentamos uma sensação de libertação intelectual e emocional. O amigo não é duplo, mas transparente. É impossível viver dia a dia sem ambivalência. Ela é produto da existência de relações estáveis com os objetos. Mas elas podem ser também mínimas.

A inveja também domina a vida cotidiana. É certamente um dos sentimentos mais fortes do ser humano. Foi destacada por Freud, Melanie Klein e outros. Girard diz que o homem é um animal mimético. Sua grande capacidade de aprender está em colocar-se no lugar do outro e desejar o que o outro deseja. As crianças aprendem as boas coisas culturais mediante a identificação com seus pais. Mas as crianças também se identificam com seus pares. Desejar alguma coisa é desejar alguém com o qual estamos identificados. O desejo e a inveja nascem simultaneamente. O desejo existe porque há alguém mais que deseja, e seu desejo desperta em nós o desejo de ter essa mesma coisa em vez do outro tê-la e, portanto, tirá-la dele. A inveja mimética, para Girard, é a base de quase todas as relações humanas, entre elas o namoro.

A inveja está formada por *vários componentes: A identificação com o outro, o desejo daquilo que ele possui e o rancor pelo fato de ele o ter e nós não.* Algumas vezes se acresce o sentimento de injustiça e a vontade de tirar do que tem e fazê-lo sofrer. Por isso, a inveja acontece tão frequentemente na vida cotidiana. A inveja é um sentimento mesquinho, penoso, que envenena nossas relações sociais e nos faz sofrer em silêncio. O invejoso é feliz quando os demais sofrem, quando são desafortunados, quando vão mal. É infeliz quando os outros estão contentes e lhes vai bem. Por isso, a inveja é a antítese do amor. O amor quer a felicidade do outro; a inveja, sua desgraça. A inveja é uma das formas nas quais se manifesta o ódio, a agressividade e o prazer em danificar e fazer sofrer. Entre irmãos a inveja coexiste frequentemente, com um amor tenaz.

No namoro não tem inveja. Pode haver ódio, rancor, desejo de destruir a pessoa que amamos e que não nos recompensa com seu amor, mas não pode haver inveja. Os namorados têm vivências bem diferentes. Cada um é aos olhos do outro, ou uma divindade ou um demônio e não podemos invejar aos demônios nem aos deuses. A inveja é um sentimento que nasce entre pares.

A amizade é a exceção mais evidente da inveja mimética. Os amigos são pares, são semelhantes. Muitas vezes têm os mesmos valores. Cada um aprende do outro o que se deve fazer e o que se deve desejar. O desejo do amigo continua sendo o *seu desejo* e nós nos colocamos a serviço de *sua* satisfação. *Não nos confundimos com ele*. No encontro chegamos a conhecer os nossos verdadeiros desejos, identificando-nos primeiro com ele, e depois *diferenciando-nos* dele. A diferenciação é condição de nossa identidade. Não tem inveja porque ele continua sendo ele e nós continuamos sendo nós mesmos. Na amizade, renunciar ao desejo do amigo é a um tempo natural e agradável. Quando o fazemos, temos clara impressão de sentir-nos melhores e mais nós mesmos. Por isso, não podemos desejar a pessoa que nosso amigo ama. Se ele a ama, se a deseja de modo exclusivo, então cessa de ser objeto de nosso desejo.

A amizade interrompe e transcende a vida quotidiana. A vida quotidiana tende a infiltrar-se na amizade, capturá-la e impor-lhe suas normas. Isso é evidente nas relações de casais e nas relações amistosas. O casal é exclusivo; pretende controlar tudo, não deixa espaços vazios. Há amores possessivos, angustiados, que se limitam quase unicamente ao controle físico e mental do outro. São amores-ódio, amores-poder nos quais o amante é o carcereiro do amado que só se preocupa com a idéia de que o outro possa fugir. A amizade é estima, respeito. Uma forma de atacá-la é insinuar a dúvida mediante a crítica e ‘falação’, características da inveja. Mas não há inveja na amizade.

Quais são os inimigos da amizade? Já foram mencionadas a inveja, a ambivalência e o poder. Mas são também grandes inimigos as **grandes estruturas sociais baseadas na utilidade, a organização e o mercado.** **Organização** é uma estrutura social construída de modo tal que possibilite a realização de seus objetivos independente dos fins e dos desejos daqueles que nela trabalham. Ninguém vai trabalhar em determinada fábrica porque tenha uma paixão especial, mas por causa do salário. Salário mais alto faz mudar de trabalho. Trabalhar com gosto aumenta a produção. Mas isso não significa estar de acordo com os objetivos da empresa. A empresa visa lucros e benefícios. A organização administra diferentes motivações pessoais para realizar um único fim. A organização utiliza as pessoas como meios e não como fins. Isso não significa que haja relações desumanas; ao contrário, as pessoas tratam o mais amável possível com todos. Entre os colegas se criam relações amistosas. A lei da organização é a eficiência. A vida laboral é quase sempre cansativa, dura e frustrante. Não é a fadiga física o que vale, mas a fadiga moral, ser sempre um meio e nunca um fim.

Na maioria das vezes, a amizade surge como corpo estranho dentro da empresa. A empresa precisa de relações amistosas, de obediência. As relações de amizade se adaptam mal à competência empresarial, sobretudo entre superiores e inferiores, entre diretores e subordinados. A vinculação entre político e eleitor pode ser amistosa, pois um precisa do outro. Pode haver amizade entre o advogado e seu cliente. Cada um pode estimar ao outro por suas qualidades pessoais e, ao mesmo tempo, prestar-lhe um serviço. Ao contrário, nas empresas, as qualidades pessoais cedo ou tarde precisam deixar seu lugar às duras necessidades objetivas, à lógica inexorável da eficiência.

No **mercado** cada qual vigia só seu próprio benefício econômico e deve fazer cálculos mais cuidadosos de custos e utilidades se deseja sobreviver à competição. O mercado ignora todo critério de valor que lhe seja estranho. Também ele é incompatível com a amizade. Mas a consente. A maioria das pessoas que opera no mercado compete umas com as outras, claro, dentro do mesmo setor e não com mercadorias muito diferentes. O mercado cria interesses comuns e uma forte solidariedade de corporações. Também cria numerosas ocasiões de encontro no plano pessoal e em pé de igualdade, que é o que a amizade prefere. Por isso, é muito freqüente a amizade entre médicos, padeiros, advogados, etc.

Há sociedades que dão pouca importância à amizade e ao amor, e vivem obcecadas pelo problema das relações humanas e conflitos interpessoais. Isso é agravado porque as ciências humanas e sociais sofreram a lógica do mercado. É um grave erro crer que podemos explicar nossos desejos mais profundos com a lógica do mercado ou da organização. A realidade humana mais profunda

está feita de encontros durante os quais os que se encontram não sabem quem são nem o que querem. No encontro se perguntam sobre quem são e o que desejam. O valor das coisas não nos é conhecido, se nos apresenta.

A sociedade moderna transforma as virtudes em prestações, e os ideais em serviços. Os valores e os sonhos da humanidade, na idade da tecnologia, só se realizam se se os considera como meios e não como fins. Toda organização exige que os homens se transformem em funções. A era industrial sempre imaginou a substituição das pessoas por meios inanimados. As virtudes fundamentais da organização – obediência, precisão, paciência, resistência – se obtêm em perfeição a partir da matéria inerte. Até as virtudes mais dignas como a imparcialidade, a gentileza, a solicitude... se encontram na eletrônica, pois dão segurança em seus cálculos.

Depois de ter eliminado o obstáculo que o homem representa, temos necessidade de reencontrá-lo. A técnica só tem sentido como meio, em relação com seres humanos livres e que, por isso, nos contrariam. **A moral não é um estado, mas uma relação com um obstáculo.** O robô não tem virtude, pois, para tal, precisaria poder sentir o contrário. Precisamos livrar-nos de uma psicologia e uma sociologia que reproduzem, dentro de nós, este mercado e essa organização. A linguagem do amor não é a do custo-utilidade.

Como pode continuar a **amizade num mundo moderno, dominado por relações utilitárias?** A verdadeira amizade é uma amizade-refúgio? Não! A amizade pode florescer bem onde a atividade é mais intensa, onde as relações entre as pessoas se multiplicam. Quando estamos cheios de fervor e somos mais ativos buscamos aos demais para transitar juntos o caminho. Nestas situações saímos em busca de encontros significativos, e se reconhecemos alguém que se nos parece, nos sentimos felizes. É nos momentos de grande atividade científica, econômica ou política, nos momentos de grande criatividade coletiva, que temos necessidade de falar e comparar nossas idéias. É neste período no qual as pessoas fazem projetos e colaboram com entusiasmo, sem inveja nem rivalidade, porque existe uma grande intensidade vital, e se tem a impressão de superar facilmente os obstáculos. Nesta situação a amizade se apresenta como opção que potencia o indivíduo e o transcende.

A grande criatividade precisa da comunidade em movimento, impulsionada por grandes projetos e paixões profundas, por inimizades violentas e estreita solidariedade. A amizade, como nos negócios e nas ideologias, é também o produto desta vida social tão intensa. Os encontros significativos se produzem nestes períodos. Por isso o *centro* tem tanta importância. Centro é a metrópole internacional da cultura em relação a outras cidades, mas também a cidade em relação à aldeia, a praça do povo em relação à casa isolada. As pessoas que querem fazer alguma coisa vão para o *centro*. Quem deseja conhecer, vai ao centro.

No namoro, o objeto se encontra em toda parte. Quando estamos com vontade de namorar, o estado nascente se apodera da primeira pessoa que encontra, mesmo que se trate do ser mais estúpido e inadequado, sempre que seja o momento exato e esse ser faça um mínimo gesto apropriado. A amizade, por sua vez, vai em busca de um tipo especial de pessoa e se não o encontra, não nasce. Por isso, as pessoas dotadas de uma grande inteligência e grande talento podem não chegar a encontrar nunca em sua vida aqueles que estão em seu mesmo nível, que podem compreendê-lo, que podem ajudá-lo. *As afinidades eletivas* carecem de importância no namoro; mas são essenciais na amizade. Somente aqueles que vivem no mesmo ambiente, que falam a mesma língua e que pertencem ao mesmo mundo, têm uma possibilidade concreta de encontrar-se.

Necessita-se de competência na vida econômica, científica e cultural moderna. A mesma importância tem a amizade. A amizade como opção dentro do campo da solidariedade, como preferência, como companhia daqueles que se dirigem para a mesma meta, têm em comum com o amor o assombro e a felicidade de encontrar quem nos corresponde. Vacilamos sempre. O mundo está cheio de rivalidade, obstáculos e inveja. Em geral as pessoas não nos prestam atenção ou não nos compre-

endem. Mesmo nós nos compreendemos pouco. Por isso o desejo de amizade é o desejo que aparece, que alguém nos aprecie pelo que fazemos, que nos compreenda. Quando encontramos alguém que pode nos ensinar alguma coisa, que pode ajudar-nos, nos sentimos felizes, mas tememos não ter para lhe dar. O motivo da reciprocidade é uma ‘graça’, igual à resposta do amado. A qualidade dos sentimentos é diferente e diverso o processo que segue. Mas a experiência de felicidade, de milagre, é idêntica. Então vemos o mundo estupendo e exuberante.

Em períodos de grande intensidade social, no centro dos sistemas sociais, também as ilusões são freqüentes. Também estão presentes a rivalidade e a inveja. Já falamos da inveja. Precisamos retomar, diferenciando **dois tipos de inveja**. O primeiro nos leva, pela identificação, a ser como aquele que é melhor que nós. Queremos estar em seu lugar. Apreciamos-lo, estimamos-lo, desejamos aquilo que possui. Por meio desta pessoa notamos o que é importante e qual nosso verdadeiro desejo. A inveja é a ferramenta que nos revela nosso desejo. Desta situação pode nascer o conflito invejoso, o *mimetismo violento*. A amizade que nasce num clima de efervescência é muitas vezes assim. Podemos fazer amizade com a pessoa que poderíamos invejar e temer, como teríamos que competir porque a sentíamos superior. Pode ser que ela sinta o mesmo em relação a nós, se não é no mesmo plano, pode ser num semelhante. Torna-se amigo aquele que poderia ter dificultado nosso caminho de amor, êxito e reconhecimento, e não o fez. Quando colocamos em jogo nossa vida encontramos, finalmente, o amigo. Tínhamos certo temor por induzi-lo a ser benéfico conosco. Foi generoso e nobre. Era poderoso e não se valeu de seu poder. Até amou seu inimigo, ou seja, a nós, e nós agora o amamos.

O **segundo tipo de inveja** é aquele que destrói seu objeto. É uma inveja que não admira, não exalta, mas rebaixa e humilha. Desejamos a ruína do outro, convencendo-nos que ele é incapaz, explicamos seus êxitos invocando motivações mesquinhas. Aquela inveja (acima) enaltece e embeleza. Esta é o contrário. O invejoso do primeiro caso está cheio de admiração, sofre e gostaria de ser melhor do que é. Aquele do segundo tipo é amargo, critica tudo, é cético e cínico. O primeiro tipo de inveja nos revela os desejos reais e profundos; esta outra no-los oculta e nos cega. Do primeiro poderá nascer a amizade, do segundo, não.

Às vezes falamos em “homens de confiança”. Não podemos levar adiante sozinhos uma empresa. Recorremos a tais pessoas quando alguém pode estar em nosso lugar sem nossa presença, alguém em quem podemos confiar como em nós mesmos. Isso nos faz pensar nas pessoas com as quais trabalhamos no passado e se nos desperta o desejo de voltar a vê-las. Todas as empresas requerem um impulso de vida, têm fome de vida. Os amigos não são indispensáveis para realizar esta força vital, para constituir a matéria crítica capaz de esperar, crer e desencadear a ação. Com eles podemos reencontrar um impulso vivido antes. Por isso reunimos os amigos com os quais havíamos realizado outros empreendimentos.

A vida se caracteriza por um conflito profundo, incurável, entre personalização e impersonalidade, entre benefício anônimo e benefício proveniente de uma pessoa de valor. O ganho pode vir de alguém sem valor. Uma pessoa negocia com outra, muitas vezes não por estima, mas para obter seu dinheiro. Hoje a questão da mercadoria é forte, mas hoje como ontem, utilidade e valor são dois mundos paralelos. Somente o mundo do valor nos causa as alegrias mais profundas e as dores mais amargas. Se personalizarmos as relações, se colocarmos em jogo a auto-estima, a necessidade de reconhecimento, vamos enfrentar frustrações que não existiriam nas relações de mercado. Na amizade esperamos que nos dêem algo sem que precisemos conquistá-lo mediante o engano ou a fraude, mas de acordo com nosso valor.

A amizade está estreitamente ligada à ação quando a amizade se traduz em alguma ação feita em conjunto, não se pode esperar que somente haja prazer e nada mais. Também haverá frustrações, amargura. Uma relação profissional, uma tarefa coletiva criam divergências, diferentes pontos de vista. Não se pode compreender a amizade se não se tem presente que sempre implica a superação

destes contrastes e destas dificuldades. É um equívoco dizer que, se a amizade não der prazer, ela acabará logo. Nos vínculos amistosos concretos encontramos certa dose de pena. As amizades profissionais podem estar salpicadas de episódios de dúvida ou cólera. Quando queremos amar e estimar aqueles com os quais trabalhamos, tornamo-nos logo mais vulneráveis. Isso é mais forte, em geral, na área artística e científica. Por isso, ouve-se mais falar em amizade neste âmbito, mas também muitas declarações cínicas, frutos da decepção.

É verdade que toda amizade, inclusive a amizade ativa, aspira, no mais fundo, à serenidade olímpica, o encontro sereno, sem obstáculos. Por isso, a atividade constitui o órgão-obstáculo da amizade, com o qual se deve confrontar e apesar do qual se deve realizar.

Em quase todos os livros que tratam da amizade se fala dos grandes pares de amigos da antiguidade. São amizades heróicas e guerreiras que já não se encontram em nossa época. Hoje em dia, se desejamos buscar tipos exemplares de amizade não podemos pensar nos guerreiros. Se quisermos saber se há amizade hoje em dia precisamos abandonar toda comparação com os mitos do passado, e olhar a realidade com olhos atentos e sem preconceitos. Marx e Engels são um exemplo de grande amizade moderna, uma **amizade espiritual**. Houve entre eles um enriquecimento recíproco, uma complementaridade. Muitas vezes se repetiu um fenômeno similar. O que surpreende nestas amizades espirituais é que cada um dos amigos se sente profundamente diferente do outro e admira no outro que este tem de diferente. Por isso, na amizade espiritual a virtude é também *areté* (*a virtude ou bondade, a qualidade de um bom cidadão, de um bom pai, etc.*), superioridade. Cada um dos amigos se fascina ante a superioridade do outro. Desta forma lhe faz o reconhecimento que se ambiciona: *ser apreciados e compreendidos por quem está qualificado em fazê-lo*. Por que ele está qualificado para tal? Desejamos o reconhecimento daqueles que por instituição estão investidos da faculdade de julgar. A criança quer que o professor ou os pais o aprovem. Pouco a pouco encontramos na vida outros colegas qualificados para julgar: superiores hierárquicos, críticos artísticos, comissões de concursos. Até o público e o mercado são juízes válidos. Não são juízes válidos aqueles que têm preconceitos contra nós. O amigo é o único que está em condições de julgar porque só ele é objetivo. O inovador, o herói, está só. Cada vez que fazemos algo excepcional, ou não nos compreendem ou não crêem. Até mesmo aquele que pensa que pode compreender, em geral não compreende e decepciona. O extraordinário é incompreensível, se apresenta como algo que está abaixo do aceitável. O *inovador* avança através de constantes dificuldades, provenientes de fora e de dentro.

Falamos das *amizades espirituais*. Mas há outras amizades que duram toda a vida e que não se caracterizam por uma atividade criativa em comum nem pela intensidade dos encontros. São amigos nos quais costumamos confiar sempre como se fossem de nossa família. Até as crianças lhes chamam de tios ou tias porque aprenderam isso desde a infância quando não se podia explicar a diferença entre tio e amigo. Se grandes amizades espirituais podem continuar mesmo à distância pois elas são totalmente indiferentes à distância, outras amizades se nutrem e crescem na proximidade. É necessário viver perto, ter ocasião para ver-se, fazer-se favores um ao outro, pedir ajuda mútua e mesmo ir junto ao cinema ou sair para conversar. Estas amizades, em geral, se apóiam em alguma ocasião periódica de encontro. Se as amizades espirituais são estritamente individuais, as amizades deste tipo podem ser partilhadas com os demais membros da família. O amigo, neste caso, é amigo de todos nós. Se se trata de um casal – e eventualmente com filhos – pode-se falar verdadeiramente de uma amizade entre duas famílias. Para compreender este tipo de amizades é preciso conhecer a história, como surgiram, quais são as fases que atravessaram e como terminaram, depois, em converter-se em amizades familiares. Em geral houve grande intensidade emotiva. Muitas vezes se tinham encontrado juntos lado a lado na luta, tinham caminhado juntos em busca de si mesmos e de seu projeto pessoal. Se eram de sexo diferente, num determinado momento sentiram forte atração

recíproca. Quem sabe, por algum momento tinham pensado em namorar ou estavam namorando. O encontro entre os dois sexos tem, freqüentemente, tons eróticos que o assemelha ao namoro.

Não há amizade duradoura que nasça só do costume e da conveniência. A estabilidade, a serenidade, a profunda fé recíproca, a confiança das amizades familiares se baseiam no fato de que houve um momento, no passado, no qual cada um dos dois amigos se instalou na órbita vital do outro.

A amizade familiar surge, portanto, do encontro e em alguns momentos pode retornar. Mas não se estabiliza unicamente mediante o encontro. Eles praticamente fazem parte da família, e não só é costume ou encontro. O hábito não basta para criar esta sensação de pertença. A experiência que serve de base para a amizade familiar consiste na tentativa de dar vida a algo que já existe e que se mantém vivo. A situação típica na qual lutamos para dar vida às coisas que já existem é a da *perda*, a do perigo de perder aquilo que amamos. Grande parte de nossa vida transcorre como se fosse pouco real, um semi-sonho ou uma semi-verdade. Vivemos de hábitos e convenções, de crenças que os outros nos relataram, de opiniões, de bons modais, de pequenas e de grandes mentiras. Nem sabemos se a tarefa que realizamos nos agrada de verdade, se sentimos uma sincera vocação por alguma. Os animais seguem a natureza para se encontrar. Nós, humanos, perdemos nossa natureza. Talvez este seja o pecado original. A perda veio quando, por cima dos demais cérebros arcaicos apareceu o neocórtex. E já que perdemos nossa natureza nos fabricamos uma, social e cultural que, de alguma forma, se torna sempre arbitrária e artificial. Disto segue a impressão de irrealidade, de semi-sonho, de semi-verdade. Em geral, a realidade se nos apresenta *na perda*, em forma de catástrofe. Assim, quando os pais perdem uma criança se perguntam: “Onde foi? O que aconteceu?” O perigo é real e o mundo não é uma convenção, uma opinião, mas está aqui, terrível e implacável. A busca é desesperadora porque deve afastar-nos, a nós e ao filho, até a região terrorífica do real que escapa de nossas mãos.

O mesmo sucede com o valor de nosso corpo, a saúde. Um dia, quando menos esperamos, ficamos doentes. Poderia ser um mal incurável. Tentamos continuar sendo normais, amável e convencionalmente. Nossa natureza não se revela unicamente na perda. Em outras situações se exterioriza sob a forma de intuição, de sentimento, de felicidade. É provável que sejam os momentos nos quais nos comportamos segundo códigos para além dos condicionamentos culturais. Assim, o pai ou a mãe abraçam o filho que tem medo da noite. Na experiência da perda nos reconhecemos e estabilizamos nossos objetos de amor. Nesse momento entendemos que são essenciais e que não podemos prescindir dele.

Voltando à questão da criança que se perdeu, o mundo se divide em duas partes bem diferenciadas: de um lado, a criança perdida e quanto pode ajudar a encontrá-la; do outro, o mundo imenso, indiferente, alheio. Neste momento encontramos junto a nós os amigos. **Amigos são aqueles que nos ajudam em nossa busca, que partilham nossa angústia, que lutam conosco, que estão do nosso lado, que têm nossos mesmos objetos de amor.** O verdadeiro amigo é aquele que permanece a nosso lado e nos ajuda quando todos os demais desaparecem. É verdadeiro aquele que resiste à prova da luta, porque a luta implica decisão. Ele nos escolhe a nós e não aos demais. Não há amizade sem opção. A perda dramatiza a opção, torna-a irreversível. Não somos nós que nos escolhemos, mas nos escolhem. O amigo é quem nos escolhe, escolhe nossa causa. Dirigimo-nos primeiro aos amigos, esperamos sua ajuda. Alguns optam por vir conosco, outros não. Toda perda age como seleção natural: determina o que está destinado a sobreviver e durar. A amizade espiritual se transforma em amizade familiar através da perda. Fez seus os nossos objetos de amor.

O pai pode ser amigo do filho e o filho do pai? Irmãos podem ser amigos? E dois cônjuges? Não há unanimidade quanto a isso. Em geral se considera que as relações com consangüíneos são diferentes que as dos amigos. Quando duas pessoas, com independência de seus contatos sociais, se estimam, se sentem à vontade juntas, se tratam em pé de igualdade, é porque são amigas.. Até

dois amantes podem sê-lo e o são quando, esquecida a paixão erótica, cada um deseja o bem do outro, com desinteresse, sem suspeitas, com serenidade. Quando dois amigos partilham todas as coisas da vida, para o bem e para o mal, dizemos que entre eles há uma amizade fraterna. Todas as relações, seja entre pais e filhos, entre irmãos, entre cônjuges ou entre amigos têm um modelo ideal ao qual se adequam. Estes modelos ideais são em parte similares e em parte diferentes. Uma vez que todos pedem amor e afeto, terão em comum quanto seja característico do amor, como o desejo de que o outro seja feliz. Mas também há diferenças que não podemos descurar. O modelo ideal da relação entre pais e filhos difere do modelo da relação entre irmãos. Frente ao filho, o pai tem deveres, como guia e como autoridade, que em geral os irmãos não têm reciprocamente. Em relação aos amigos é maior ainda a diferença do modelo ideal. A amizade precisa igualdade. A relação pai-filho inclui uma desigualdade, mesmo que seja potencial. Em determinados momentos o pai se sente amigo do filho, põe sua autoridade entre parênteses. Mas se o filho se comporta mal, deve recordar seu dever paterno específico. Também a relação de irmãos pode ser de tipo amistoso: trabalhar juntos, divertir-se juntos, passar a vida um com o outro, como dois amigos. Mas os irmãos têm obrigações recíprocas que dois amigos não têm. Se um irmão comete um delito, o outro deve ajudá-lo, mesmo com o perigo de incorrer em falso testemunho para favorecê-lo. A lei prevê isso e por esta razão carece de validade o testemunho de dois consangüíneos. A relação ideal entre irmãos não está condicionada pela moral. É moral em si. Se nosso irmão nos rouba ou nos engana, o modelo ideal nos diz que devemos perdoá-lo e permanecer a seu lado. Mas isso nem sempre é assim. Há irmãos que se odeiam, que não trocam palavra. Mas isso não atinge o modelo ideal e por isso a forma concreta de agir não compromete sua relação de modo irreparável. A amizade não suporta estas alternativas de aproximações e separações. Tampouco tolera tanta injustiça. Na amizade, o comportamento real nunca pode distanciar-se demasiado do modelo ideal. Não podemos pedir ao amigo que faça algo incorreto, como prestar falso testemunho. O verdadeiro amigo deve comportar-se conosco como o irmão, o pai, a mãe e o amante. Deve amar e amar sempre sem pedir nunca nada. Neste ideal se inspirou o **crístianismo**. A caridade cristã neste amor total, heróico, que se professa por meio dos leprosos cujas chagas se beijam. O imperativo da caridade universaliza o amor aos pais e aos Irmãos: “Amai vossos inimigos; não os julgueis”. O modelo ideal entre irmãos é muito elevado: os irmãos devem amar-se sempre, perdoar-se sempre, ajudar-se sempre. Mas na realidade concreta os irmãos quase não aplicam este ideal. Se passarmos ao ideal heróico da caridade, dois mil anos de história do cristianismo mostram que a realidade, com freqüência, é o oposto dos valores proclamados. Até alguns grandes santos como São Domingos, São Inácio de Loyola falavam muito da caridade, mas em suas relações com a humanidade eram duros e sem piedade. Se Deus é tudo, os homens não são nada; se Deus pretende tudo, os homens não têm direito a nada.

Toda *ética do heroísmo* oscila sempre entre o *fanatismo* e o *compromisso*. Se propomos como ideal a caridade total, depois, na vida diária, precisamos encontrar mil subterfúgios. O *catolicismo* se caracteriza por esta diferença entre o ideal e a realidade, entre o modelo abstrato e a prática do dia a dia. Por isso compreende pouco a amizade, que pretende menos, mas que não aceita compromissos. O mundo antigo, especialmente greco-romano, não acreditava em ideais abstratos, distantes e irrealizáveis. Receava os fanatismos. Desconfiava dos excessos sentimentais. Por isso dava tanta importância à amizade. Porque na amizade não deve haver muita distância entre o ideal e o real. Na amizade não podemos proclamar uma coisa e fazer outra. Na amizade se respeitam os pactos, se ganha a confiança. A amizade deve ser leal, sincera, transparente. O amigo deve desejar o bem do amigo, não em palavras, mas concretamente. Nela não se pode enganar, fazer o mal, nunca, nem sequer uma vez. Na amizade é preciso descobrir a virtude do outro e valorizá-la. O amigo deve ser aberto, cheio de vida e não incomodar. Tampouco deve ser demasiado generoso, encher com presentes porque se o faz suscita a necessidade de retribuir. A amizade, no seu ideal, não significa dar tudo, ou mentir no tribunal, nem que se viva sob o mesmo teto.

É provável que não haja nenhuma outra relação humana como a amizade, na qual o real tenha que estar sempre tão perto do ideal. É a relação que menos tolera o exagero e o palavreado. A amizade unicamente é um modelo ideal que pede que seja respeitado. Na medida em que o seguimos, o mundo se enche de amigos e estes, ao ver-nos, nos sorriem.

Síntese de: Paulo Dullius